

ORG.

THIAGO SEBASTIÃO REIS CONTARATO

TEMAS DE FILOSOFIA DA EDUCAÇÃO II:  
A *Filosofia da Educação* NOS  
4 PERÍODOS HISTÓRICOS



**TEMAS DE FILOSOFIA DA EDUCAÇÃO II:**  
**A FILOSOFIA DA EDUCAÇÃO NOS 4 PERÍODOS HISTÓRICOS**



THIAGO SEBASTIÃO REIS CONTARATO  
(ORGANIZADOR)

**TEMAS DE FILOSOFIA DA EDUCAÇÃO II:  
A FOLOSOFIA DA EDUCAÇÃO NOS 4 PERÍODOS HISTÓRICOS**

1ª Edição

Quipá Editora  
2024

Copyright © dos autores e autoras. Todos os direitos reservados.

Esta obra é publicada em acesso aberto. O conteúdo dos capítulos, os dados apresentados, bem como a revisão ortográfica e gramatical são de responsabilidade de seus autores, detentores de todos os Direitos Autorais, que permitem o download e o compartilhamento, com a devida atribuição de crédito, mas sem que seja possível alterar a obra, de nenhuma forma, ou utilizá-la para fins comerciais.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

---

T278      Temas de filosofia da educação II : a filosofia da educação nos 4 períodos históricos /  
Organizado por Thiago Sebastião Reis Contarato. — Iguatu, CE : Quipá Editora, 2024.

87 p. : il.

ISBN 978-65-5376-324-1

DOI 10.36599/qped-978-65-5376-324-1

1. Filosofia. 2. Educação – História. I. Contarato, Thiago Sebastião Reis. II. Título.

CDD 100

---

Elaborada por Rosana de Vasconcelos Sousa — CRB-3/1409

Obra publicada pela Quipá Editora em abril de 2024

Quipá Editora  
www.quipaeditora.com.br  
@quipaeditora

## APRESENTAÇÃO

Embarque conosco nessa aventura através da História da Filosofia da Educação! Este trabalho é resultado de um projeto acordado com os estudantes de licenciatura da Universidade Estadual do Rio Janeiro (UERJ). O professor Thiago Sebastião Reis Contarato fez um projeto com os estudantes da disciplina de Filosofia da Educação para estimulá-los a fazerem as suas próprias pesquisas de acordo com as temáticas das aulas. A proposta envolvia **introduzi-los como autores e autoras** no mundo das publicações acadêmicas, de modo que o trabalho deles se tornariam capítulos de um livro da turma. Assim, apesar de apresentar noções introdutórias, cada capítulo coloca reflexões com temas muito profundos sobre a contribuição da área de Filosofia para a educação, que podem ser aprimorados posteriormente.

Uma vez que quase todo filósofo era um mestre em seu tempo, é evidente que a o desenvolvimento histórico da filosofia se confunde em muitos aspectos com a própria história da educação. Além de fundar **instituições de ensino** e propor **modelos de educação**, os filósofos sempre nos proporcionam algum **método/técnica didática** ou, ao menos, alguma **reflexão** sobre temas relacionados à educação. É fato que todo filósofo tratou sobre o conhecimento de algum modo, seja com definições ou com procedimentos. Nesse sentido, embora “ensinar” envolva mais habilidades do que somente “conhecer” (e isso é visível com tantos doutores que não sabem dar uma aula carismática), é inegável que o nosso modo de ensinar dependerá muito da forma como entendemos o conhecimento.

Diante disso, tendo em mente o próprio desenvolvimento das concepções a respeito do que seja “conhecer”, esse livro se propõe a identificar as principais contribuições dos filósofos dentro de cada um dos quatro maiores períodos históricos, a saber: Idade Antiga, Idade Média, Idade Moderna e Idade Contemporânea. É evidente que não conseguiremos apresentar todos os assuntos de cada período histórico, mas sugerimos que os temas dos capítulos sirvam para compor um núcleo básico da disciplina de Filosofia da Educação de qualquer curso universitário de licenciatura. Nesse sentido, direcionamos esse livro para aqueles que se preparam para serem futuros professores ao mesmo tempo em que a leitura também pode ser apreciada por aqueles professores que já possuem uma experiência significativa na prática docente.

Com essa proposta de relacionar a Filosofia com a Educação, nós apresentamos um capítulo 1, que é introdutório. Do capítulo 2 até o capítulo 8, trabalhamos com a Idade Antiga. De fato, na Grécia, a filosofia “grega” começou com os filósofos pré-socráticos, tal como trata o capítulo 2 e 3, mas vale lembrar que é fácil imaginar que estes primeiros filósofos gregos tenham recebido influências de sistemas filosóficos já desenvolvidos anteriormente, vindas de pensamentos orientais (com a doutrina dos quatro elementos) e africanos (com as matemáticas). Já os capítulos 4, 5 e 6 foram dedicados a tratar as contribuições do filósofo Sócrates, que representou um grande “divisor de águas” para a história da filosofia antiga, separando aqueles que foram os filósofos pré-socráticos (que se focavam mais naquilo que há de externo ao ser humano) daqueles que foram os pós-socráticos (com foco no interior do ser humano e nas questões humanas). Com sua

Ironia e Maiêutica, Sócrates nos ensinou que precisamos estudar primeiramente o nosso interior, conhecendo a nós mesmos, para depois buscarmos conhecer também sobre o mundo externo ao nós. Realmente, os capítulos 6, 7 e 8 expõem o pensamento de Platão, Aristóteles e dos estóicos, que mostram justamente o desenvolvimento desse jeito de pensar com procedimentos e reflexões cada vez mais avançados.

Os três capítulos seguintes (9, 10 e 11) já nos permitem adentrar um pouco na filosofia do período da Idade Média, intimamente relacionada com a religião cristã católica. Apesar de não tratarmos da filosofia muçulmana e judaica, que também eram fortes neste período e mereceriam um estudo aprofundado, os filósofos católicos interagiam e mencionavam constantemente as filosofias de Averróis e Avicena (entre os muçulmanos árabes), além de Maimônides (entre os judeus), de modo que, por isso, considero que seus pensamentos estavam incluídos nas discussões cristãs. Tendo isso em mente, os capítulos 9 e 10 se dedicam a dar um panorama histórico das instituições do período com foco na Escolástica, merecendo destaque as **sete artes liberais**. Já o capítulo 11 dá um destaque especial para o filósofo Tomás de Aquino, que é considerado como a maior referência para os filósofos católicos posteriores, sendo o patrono das escolas católicas.

Por sua vez, o período da Idade Moderna aparece aqui representado do capítulo 12 ao 16, onde se estabeleceu os padrões das “instituições escolares modernas”, onde os reformadores protestantes (descritos nos capítulos 12) começaram a defender e colocar em prática a **obrigatoriedade** e a **universalidade** da educação das crianças e jovens. Com alunos “obrigados” a estarem em sala, os reformadores se viram obrigados a criar “**metodologias didáticas**” de ensino para estimular mais os alunos, tal como pode ser visto na obra “*A Didática Magna*” de Comenius, o que basicamente fundou a área da Didática tal como a conhecemos hoje. O Capítulo 13 destaca a contribuição inicial de Descartes para a chamada “**Questão do Método**” com o desenvolvimento da área da Epistemologia moderna, a qual alcançará o seu melhor desenvolvimento na Filosofia de Immanuel Kant, quando este buscou organizar e estabelecer com maior precisão as bases da **Ciência Moderna** do Iluminismo. Por isso, no capítulo 14, será importante a apresentação do que foi o movimento iluminista do séc. XVIII, que além de focar na Ciência, destacava-se na educação com propostas em prol da **laicidade** escolar e da **autonomia racional** do aluno. Isso será seguido do capítulo 15 que traz uma reflexão típica da modernidade, envolvendo a relação entre sujeito e objeto na Ciência. Por fim, o capítulo 16 traz à tona as questões sociais e políticas relacionadas ao **contratualismo moderno** ao mesmo tempo em que traz interpretações contemporâneas de Foucault.

Assim, nós chegaremos na atualidade da filosofia contemporânea (dos séc XIX em diante) nos capítulos 17, 18 e 19 e 20, que trazem as críticas sociais como sendo o principal objetivo. Nesse sentido, começamos trazendo as reflexões da filosofia de Nietzsche no capítulo 17, as quais podem ser usadas na educação para destacar a **individualidade, espontaneidade, diferença e criatividade** dos alunos, contra qualquer forma de “mentalidade de rebanho” que faça as pessoas esquecerem a vida no presente. Em seguida, os capítulos 18 e 19 trazem esclarecimentos importantes sobre o movimento existencialista contemporâneo e os conceitos específicos de Jean Paul Sartre e Simone de Beauvoir, dos quais vale destacar para a educação o aspecto da defesa da **liberdade individual**

contra as pré-definições de tudo o que podemos ou não fazer. Fechamos com o capítulo 20 apresentando o pensamento de Michel Foucault, que contribui para a educação focando no **cuidado de si** avaliando as **relações de poder**.

Com esta apresentação, espero ter transmitido razoavelmente o entusiasmo que este trabalho representou para os autores. Desejo a todas e todos leitores que tenham uma excelente leitura e tirem o máximo de proveito com as contribuições que a Filosofia pode proporcionar para a área da Educação que foram aqui apresentadas. Por fim, deixamos claro que este livro não pretendeu esgotar todo o assunto, mas ao menos apresentar temáticas interessantes para a prática docente.

## SUMÁRIO

### APRESENTAÇÃO

CAPÍTULO 1 - A IMPORTÂNCIA DA FILOSOFIA E SUA RELAÇÃO COM A EDUCAÇÃO	10
--	----

Gabriela Dias da Costa Silva

CAPÍTULO 2 - OS PRÉ-SOCRÁTICOS	13
--------------------------------	----

Manuela Almeida Storino de Barros

CAPÍTULO 3 - ANAXIMANDRO, O PRÉ-SOCRÁTICO	16
---	----

Pedro Augusto Rosa de Oliveira

CAPÍTULO 4 - SÓCRATES E OS SOFISTAS: A BUSCA PELA VERDADE	20
---	----

Láyza de Oliveira Silva

CAPÍTULO 5 - MÉTODO SOCRÁTICO: IRONIA E MAIÊUTICA	23
---	----

Maria Clara Dias de Miranda Barbosa

CAPÍTULO 6 - IDADE ANTIGA: SÓCRATES E PLATÃO CONTRA OS SOFISTAS	28
---	----

Isabelle Christina Lima de Oliveira

CAPÍTULO 7 - ARISTÓTELES E SUAS CONTRIBUIÇÕES	32
---	----

Kamily Eduarda Galindo da Silva

CAPÍTULO 8 - ESTOICISMO E FILOSOFIA DA MORTE: ACEITAÇÃO E REFLEXÃO SOBRE A NATUREZA TRANSITÓRIA DA VIDA	35
---	----

Natali Cristina de Souza

CAPÍTULO 9: O SURGIMENTO DA ESCOLÁSTICA NA IDADE MÉDIA	40
--	----

Joao Victor Dias da Silva Moura

CAPÍTULO 10 - A ESCOLÁSTICA	42
-----------------------------	----

Bruno Faria Gomes

CAPÍTULO 11 - TOMÁS DE AQUINO E AS CINCO VIAS	45
Cristina dos Santos Martins	
CAPÍTULO 12 - A REFORMA PROTESTANTE E A FILOSOFIA DA EDUCAÇÃO	48
Thamires Santos da Silva	
CAPÍTULO 13 - RENÉ DESCARTES NA MODERNIDADE	52
Gabriella de Oliveira Cabral dos Santos	
CAPÍTULO 14 - O PENSAMENTO ILUMINISTA	56
Henrique do Prado e Souza	
CAPÍTULO 15 - SUJEITO E OBJETO	59
Thyago Soares Pena	
CAPÍTULO 16 - A LINHA TÊNUE ENTRE VIGILÂNCIA E LIBERDADE: UM ESTUDO FILOSÓFICO SOBRE O ESTADO DE NATUREZA E O CORPO SOCIAL	63
Julia Duarte Adler	
CAPÍTULO 17 - FRIEDRICH NIETZSCHE ABRINDO O PENSAMENTO CONTEMPORÂNEO	67
Jorge Antônio Tavares do Nascimento	
CAPÍTULO 18 – O EXISTENCIALISMO NA CONTEMPORANEIDADE	70
Giovanna Vanelis Bernardino	
CAPÍTULO 19 - O EXISTENCIALISMO: REFLEXÕES SARTREANAS E BEAUVOIRIANAS SOBRE A CONDIÇÃO HUMANA	75
Sabrina dos Santos Mota	
CAPÍTULO 20 - RELAÇÕES DE PODER EM FOUCAULT	79
Robson Pinheiro Martins	
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	83

LINKS ÚTEIS INDICADOS PELOS AUTORES 85

SOBRE O ORGANIZADOR 87

## **CAPÍTULO 1 - A IMPORTÂNCIA DA FILOSOFIA E SUA RELAÇÃO COM A EDUCAÇÃO**

*Gabriela Dias da Costa Silva*

Recentemente, houve notícias sobre a redução da Filosofia dentro da sala de aula, especificamente do Ensino Médio, incluindo também a Sociologia. Isso talvez possa ter amedrontado alguns educadores. Mas o que aconteceria se soubéssemos mais da importância da Filosofia na vida dos indivíduos e na nossa formação educacional? Essa proposta ainda seria válida?

Por isso, o propósito é expor no que os estudos filosóficos contribuem na nossa comunidade. Na Filosofia Primeira ou Metafísica, conforme Aristóteles “Todos os seres humanos tendem ao saber”. Isso significa que tendemos a procurar entender sobre o mundo que nos rodeia. Criamos teorias através do aprofundamento de nossos estudos e pesquisas. Isso é Filosofia e isso nos resulta em respostas para diversos tópicos. Não podemos deixar de nos aprofundar nos temas tão importantes da Filosofia. Com o desenvolvimento do conhecimento filosófico é possível conseguir solucionar e transformar situações. Na juventude, seria uma época ideal para desenvolver essa capacidade, o que enfatiza a relevância da divulgação dos estudos teóricos dos filósofos dentro da comunidade educacional.

A razão da escolha do tema, é exatamente promover o conhecimento dos benefícios da Filosofia através do seu verdadeiro significado. Assim, será possível perceber a falta que poderia fazer dentro da educação, seja de nível médio ou superior. Por fim, gostaria de esclarecer que a forma da apresentação dos fatos estará apresentada de maneira objetiva, obtendo uma descrição clara.

O intuito principal dos argumentos a serem apresentados é mostrar a importância da Filosofia e sua relevância no ramo da educação. Para isso, inicialmente, é importante entendermos o significado da palavra “Filosofia”, assim conhecemos a bagagem que ela traz na construção da nossa sociedade e da nossa educação. A palavra “Filosofia” vem de duas palavras do grego, sendo “Filo” - amizade/amor (referente ao gostar) e “Sofia” - sabedoria. A palavra foi originada pelo filósofo e matemático Pitágoras, que se dizia ser “Amigo do saber”, não acreditava conhecer a verdade e sim estar na busca por ela. Sendo assim, para o mesmo a Filosofia seria o caminho para atingir a sabedoria divina.

Desta forma, o que tudo nos indica é que a Filosofia busca o conhecimento e reflete sobre as questões fundamentais da vida. Os Filósofos diziam o “Amor pela sabedoria” ou “Gostar de saber” é

algo natural na gente, ou seja, nasce em todos nós. Nessa perspectiva inclusive, foi criada o termo “Fobosofia”, termo que teve origem em estudos recentes e se tornou uma expressão mais latino-americana, para indicar a “Aversão ao saber”, algo que não necessariamente nasce com a gente, pode ser desenvolvida talvez através de influências ou traumas. A importância da Filosofia vem do fato de nós ajudar a compreender os mistérios da vida, conhecendo nós mesmos e os outros. Por estarmos constantemente procurando pela verdade, isso nos torna grande aprendizes. E assim, também é possível entender a relação da Filosofia com a Educação, pois o pensamento crítico nos faz estudar, e o estudo pode nos fazer filosofar.

Acredito em uma filosofia tão importante quanto a medicina. Se considerarmos como foi importante para o desenvolvimento de diversas áreas da ciência. Qualquer profissional pode conhecer e estudar a filosofia. Ela irá contribuir de maneira positiva de todas as formas, porque nos faz pensar e procurar por respostas. Creio que a Filosofia possa criar um pensamento crítico em nós, por tratar de diversas questões que podemos tanto concordar ou discordar, comprovar ou achar, entender e não entender. Comprova também até que ponto temos controle sobre as coisas a nossa volta.

Segundo Sócrates, “Uma vida sem reflexão não vale a pena ser vivida”. Ou seja, se não buscarmos descobrir, conhecer e entender, o que teria de tão especial em viver? Essas teorias, deveriam ser aplicadas sempre na sala de aula, para incentivar os alunos a refletirem sobre questões sociais relevantes na nossa era. Pois, temos a Filosofia como o estudo dos cuidados, das defesas, das revoltas e até mesmo dos próprios filósofos. Na geração atual, que os jovens estão tendo menos experiência de leitura, poucos leem filosofia e muitos passam por uma fase mais conturbada da vida. A Filosofia mostra-se de extrema importância. Deste modo, sendo trabalhada em sala de aula, agregaria esclarecendo dúvidas na vida dos jovens. A aplicação dos conteúdos filosóficos poderia ser de forma argumentativa, onde todos pudessem falar, perguntar e compartilhar experiências vividas.

A Filosofia é muito mais que só História. Todo dia passamos por novidades que tentamos entender o porquê. Os filósofos costumam usar procedimentos/métodos para conhecer, ensinar e perguntar. E assim, deveria ser entre todos nós, porque com a Filosofia no nosso dia a dia, descobrimos estar em constante aprendizagem.

O estudo e as pesquisas ao tema ajudam a entender e reconhecer que vivemos Filosofia, pois a partir do momento que paramos para refletir sobre os problemas ou dificuldades que viemos experimentando, estamos praticando a Filosofia. Nossas interpretações sobre os tópicos sociais, é uma reflexão... e assim então Filosofia. E os nossos métodos/procedimentos para ensinar e aprender, seria também um dos caminhos para Filosofia, assim como o interesse da pergunta, pois perguntar é a procura pela compreensão.

Durante o desenvolvimento do texto acima, é difícil não questionar e deixar de pesquisar mais para conhecer novos conceitos. Isso implica na famosa perspectiva de Pitágoras, citada no desenvolvimento, no segundo parágrafo. No qual compartilha a ideia de estarmos na busca pela sabedoria. Todo dia descobrimos novidades que agregam na história da nossa vida, e com elas aprendemos a ser melhores e melhores. A evolução tende a ser natural e genuína, somos criados para descobrir e explorar o desconhecido, para então se tornarem conhecido.

A Filosofia sempre será um caminho importante para o aprofundamento do conhecimento. O jovem precisa desenvolver o seu pensamento crítico para poder pensar por si só e crescer intelectualmente. A indagação é um ponto positivo para que esse processo. Por isso, é interessante não aceitarmos simplesmente as coisas, sem procurar entender o porquê. E nisso a Filosofia nos ajuda.

Futuramente, em uma era onde a filosofia seja mais aplicada em sala de aula do que reprimida ou melhor “diminuída”, poderia ser apresentado a evolução que os estudos filosóficos proporcionaram ao cotidiano da sociedade. Isso, por sua vez, também ajudaria a simplificar a sua importância. A Filosofia esclarece e constrói diálogos, sendo assim, examinar o seu crescimento nos estudos de uma comunidade, poderia ter uma grande relevância no campo educacional.

## CAPÍTULO 2 - OS PRÉ-SOCRÁTICOS

*Manuela Almeida Storino de Barros*

O primeiro período da filosofia grega, foi marcado pelos pré-socráticos (chamados também de "os primeiros filósofos") que viveram entre os séculos VI e V a.C., na Grécia Antiga, e receberam esse nome por serem contemporâneos de Sócrates. Houve um grande desenvolvimento intelectual durante esse período, em que a Grécia passava por mudanças sociais, políticas e culturais importantes. A filosofia grega teve um papel essencial na formação do pensamento ocidental, e influenciou muitas das correntes filosóficas subsequentes.

Os primeiros filósofos, dedicaram-se a buscar explicações racionais para o mundo natural, para a compreensão da origem e da natureza do universo. Eles eram estudiosos da *physis* (a natureza), tudo aquilo que é natural, que ia em contraposição ao sobrenaturalismo vigente, em outras palavras, eles explicaram a natureza com base em um princípio explicativo (*arké*, *argué*) de dentro da própria natureza. Procuravam identificar e entender quais são os primeiros elementos, que deram início a todas as outras coisas existentes no mundo. Se entender como funciona tal elemento, saberá a função de outras coisas.

Os filósofos pré-socráticos foram os primeiros a explicarem o mundo sem recorrer ao místico... Antes deles, o mundo era explicado através da mitologia. Naquela época, a mitologia era o que estabelecia as regras sociais e estabeleciam a unidade do povo grego. Eles tiveram a necessidade de contrapor as ideias mitológicas acerca da origem do Universo, e foram os responsáveis pela transição da consciência mítica para a consciência filosófica. Ou seja, eles se afastaram das explicações mitológicas tradicionais e se apoiaram na observação, no raciocínio lógico e na especulação filosófica, levando as pessoas ao conhecimento científico e à construção de um pensamento racional e autônomo. Os pré-socráticos também contribuíram para a separação entre o mito e a razão, abrindo caminho para a Filosofia como disciplina autônoma, que influencia o pensamento ocidental até hoje. Portanto, foram importantíssimos para o progresso da humanidade.

Entre esses filósofos do período pré-socrático, temos **Tales de Mileto**, nascido na cidade de Mileto, região da Jônia (624 a.C. - 548 a.C.). Tales acreditava que a água era o principal elemento, para ele "Tudo é água", ou seja, a essência de todas as coisas existentes. Essa teoria, me fez lembrar o filme "Avatar: O Caminho da Água", dirigido por James Cameron, em que aborda assuntos sobre a importância da água, da preservação do oceano e o respeito pela vida marinha. A produção, a

animação, todos os cenários mostrados no filme, são encantadores, o que facilita a reflexão sobre a água ser o principal elemento da natureza, assim dito por Tales de Mileto.

**Anaxímenes**, foi discípulo de Anaximandro, nascido em Mileto (588 a.C. - 524 a.C.). Para Anaxímenes o princípio de todas as coisas estava no elemento ar, o ar era o elemento originário, tudo o que existe era composto por ar: “Como nossa alma, que é ar, nos mantém unidos, assim um espírito e o ar mantêm unido também o mundo inteiro; espírito e ar significam a mesma coisa”. **Xenófanes**, nascido em Cólofon (570 a.C. - 475 a.C.) foi um dos fundadores da Escola Eleática, se opondo contra o misticismo na filosofia e o antropomorfismo: “Enquanto eterno, o ente também é ilimitado, pois não possui começo a partir do qual pudesse ser, nem fim, onde desapareça.” Xenófanes não conseguia acreditar na ideia de proximidade entre Deus e o homem. **Heráclito**, considerado o “Pai da Dialética”, nascido em Éfeso (540 a.C. - 476 a.C.). O filósofo explorou a ideia do devir, a fluidez das coisas, querendo dizer que há uma constante mudança, imprevisível, que caracteriza a natureza. Para ele, o princípio de todas as coisas estava contido no elemento fogo: “Nada é permanente, exceto a mudança”.

**Anaximandro**, nascido em Mileto (610 a.C. - 547 a.C.) foi discípulo de Tales. Para ele o princípio de tudo estava no elemento denominado “ápeiron”, uma espécie de matéria infinita, indefinível e imortal, que era a possível origem para o Universo: “De onde as coisas têm seu nascimento, ali também devem ir ao fundo, segundo a necessidade; pois têm de pagar penitência e de ser julgadas por suas injustiças, conforme a ordem do tempo”. **Empédocles** nascido em Aeragas (490 a.C. – 430 a.C.) , na Magna Grécia (atual Sicília, Itália), criou a teoria da união dos elementos e teve um papel preponderante na política, defendendo o sistema democrático e ajudando os menos favorecidos. Como cosmólogo, ele atribuiu a origem do universo a quatro elementos: terra, fogo, água e ar. “O que não se aplica de acordo com a lei está ligando não somente para algumas pessoas e para outras não. A lei estica-se para todos, por todo o ar penetrante e a luz sem limite do céu”.

**Parmênides** nasceu em 510 a.C. na cidade grega de Eleia (atual Itália), situada na região da Magna Grécia. Para ele, tudo o que existia possuía o “ser” dentro de si (entender as definições - ser - é entender o mundo). **Demócrito de Abdera**, nasceu por volta de 460 a.C. na cidade de Abdera, região da Trácia, descreveu a "Teoria Atômica". Segundo ele, o átomo, é o elemento primordial, o princípio de todas as coisas, é uma parte indivisível e eterna, que permanece em constante movimento. **Pitágoras** nascido na ilha grega de Samos, na costa jônica, em 570 a.C. Estudou matemática, astronomia, música, literatura e filosofia na sua cidade natal. Para ele “tudo é número”, frase que aponta uma explicação para a realidade e tudo que existe no mundo. A ele foi atribuído o uso e criação dos termos “filósofo” e “matemática”. **Anaxágoras** nascido em Clazômenas (500 a.C.) na Jônia (onde atualmente fica a Turquia), fundou a primeira escola filosófica de Atenas. Ele

acreditava que a origem do Universo estava no que ele chamou de sementes, partículas infinitas que supostamente compõem tudo o que existe.

Particularmente, eu escolhi esse assunto porque marcou os meus estudos no ensino médio, foi um dos temas que eu mais estudei em filosofia, por isso ainda lembro de alguns conceitos. Enfim, como foi dito antes, o período Pré-socrático foi importante, pois ali “nasceu” a Filosofia. Visto que, ela permite ao ser humano hoje compreender melhor a si mesmo, a sociedade e o mundo a sua volta, como um todo. Assim, estimulando uma maior autonomia ao pensar, agir, se comportar e também permitindo à busca por explicações verídicas e racionais. Dessa forma, se atualmente temos tamanho conhecimento, tamanha noção sobre as coisas (seres vivos, números, etc...) existentes no mundo, por meio de pensamentos críticos, científicos, filosóficos e reflexivos, tudo isso foi possível, aconteceu ou se aprimorou graças aos primeiros filósofos, aos primeiros pensadores que com suas teorias e ações, influenciou as gerações seguintes. Tal estudo antigo, atribuiu para a cultura ocidental e para a compreensão de outras ciências, como a Biologia, Matemática, Física, entre outras. Logo, uma pesquisa futura sobre o período Pré-socrático, poderia ser continuada, já que continua sendo um assunto abordado e presente, entretanto, algumas informações sobre os pré-socráticos e suas teorias, são rasas... Há como aprimorá-las, acrescentando novas definições e concepções que trazem ou fazem mais sentido para o/no futuro.

## CAPÍTULO 3 - ANAXIMANDRO, O PRÉ-SOCRÁTICO

*Pedro Augusto Rosa de Oliveira*

Neste trabalho, teremos como ponto inicial do desenvolvimento, os pré-socráticos e explicaremos os principais pontos relacionados a eles. No entanto, ao decorrer, o foco e olhar crítico estarão voltados para as complexidades do pensamento de somente um pré-socrático em específico: Anaximandro, o segundo filósofo pré-socrático da filosofia antiga ocidental cujas ideias serão discutidas e analisadas mais a fundo. Nosso objetivo é mergulhar nas profundezas das concepções anaximandrianas, destacando a singularidade de seu pensamento.

Neste foco em Anaximandro, seremos levados a uma exploração das visões únicas sobre sua ideia de origem e natureza do universo que caracterizam seu legado. Entenderemos melhor sobre o seu conceito e o que ele quis propor com o intrigante "ápeiron", que era a substância de Anaximandro que seria seu elemento primordial. Nesta jornada, desvendaremos não apenas as teorias de Anaximandro, mas também buscaremos compreender como suas contribuições refletem nas reflexões contemporâneas. Examinaremos sua influência e exploraremos o seu legado e importância para a história da filosofia antiga.

Ao dedicarmos este estudo do pensamento de Anaximandro, temos não apenas como meta explicar fatos do passado, mas também esclarecer sobre as questões filosóficas que ainda estão presentes nas nossas próprias indagações atuais. Neste trabalho será analisado as raízes da filosofia antiga através da visão de mundo de Anaximandro, onde seus conceitos se revelarão como uma parte importante para a explicação da origem do mundo. Retomando, partiremos do ponto inicial explicando o que são os pré-socráticos, seus objetivos, seus princípios, quem são, seus feitos na época e suas influências consideráveis que conseqüentemente marcaram e ainda fazem parte da nossa atualidade antes de mergulharmos para Anaximandro.

Conhecidos como os primeiros filósofos ou filósofos da natureza, os pré-socráticos surgiram na Grécia antiga, no século VII a.C., eles tinham como finalidade a busca pelo princípio fundamental que seria responsável por sustentar a explicação do mundo, usando a natureza como um princípio explicativo. Eles são chamados assim pois possuem uma linha de pensamento e relações entre ideias que foram iniciadas bem anteriormente a Sócrates.

Eles foram os grandes responsáveis pelo transicionamento do pensamento mítico para um pensamento mais racional e conectado com a realidade de fato. Essa passagem cosmogônica para cosmológica é também representada pela presença dos pré-socráticos. Cada um desses filósofos era

representado por um elemento primordial, chamado de arché ou arqué. Com base nesse princípio, eles buscavam através dos elementos um certo controle e explicação para a ordem da natureza se inspirando nela mesmo. Tales de Mileto foi um dos primeiros filósofos que tentou explicar a natureza com um princípio explicativo de todas as coisas (arqué) que viesse de dentro da natureza, no caso: a água.

É importante destacar que cada filósofo possuía sua própria ideologia acerca do mundo, sendo assim tentavam explicar o mundo, a natureza, a ordem das coisas em si através de seus próprios elementos primordiais: a arqué. Dito isso, vale a pena introduzir os outros 9 principais filósofos pré-socráticos e seus respectivos elementos: Anaxímenes de Mileto (Ar); Heráclito de Éfeso (Fogo); Xenófanes de Cólofon (Terra); Empédocles de Agrigento (Os 4 elementos); Anaximandro de Mileto O ilimitado (ápeiron); Parmênides de Eléia (O Ser); Pitágoras de Samos (Os números); Demócrito de Abdera (e Leucipo de Abdera): (Os átomos); Anaxágoras de Clazômenas (As sementes).

Analisando mais a fundo, vemos que mesmo ainda hoje, são reconhecidos e utilizados os feitos de alguns dos filósofos listados acima que fizeram parte da história. Principalmente, nas ciências matemáticas, como por exemplo: Teorema de Tales e Teorema de Pitágoras. Pode-se dizer que Demócrito também estava correto ao propor que o átomo seria um princípio presente em todas as coisas (Teoria Atomista), embora ele não obtivera crédito algum até o século XIX. A partir de agora, teremos como foco o filósofo pré-socrático Anaximandro de Mileto e sua visão e explicação de origem do mundo.

Anaximandro (610 – 547 a.C.) nasceu na cidade de Mileto e foi o discípulo sucessor de Tales de Mileto, pertencente à escola Jônica. Para ele a água não era o princípio de tudo, mas sim o ápeiron: o ilimitado e/ou indeterminável. Em seu princípio de concepção de mundo, essa substância seria criada pelos opostos do mundo (ex.: luz e sombra, calor e frio, úmido e seco).

O Anaximandro apresenta o conceito abstrato do ápeiron como a totalidade do que existe e isso não está sujeito à temporalidade ou privação. O ápeiron é pleno por ser vago e abstrato, não podendo ser facilmente definido como os elementos da natureza. Ele inaugura uma nova linha de pensamento que acaba gerando conseqüentemente uma linha mais abstrata e metafísica. E justamente por ser ilimitado, ele acreditava que todas as coisas eram geradas por meio deste princípio explicativo pois tudo estaria sempre em constante extensão. Ele também foi responsável pelo aprofundamento de algumas introduções de criações importantes para o período, como por exemplo: o gnômon (relógio solar); a astronomia; a geografia (primeiro da história a desenhar um mapa celeste e um terrestre) e o monismo (unilateralidade da essência).

Para Anaximandro, a Terra possuía um formato cilíndrico com vários anéis ao redor dela que giravam, sendo a lua e o sol parte dos anéis. Dito isso, podemos notar que ele defendia a teoria da Terra ser o centro do universo (modelo geocêntrico). Relembrando, Anaximandro foi discípulo de Tales de Mileto que foi o fundador da escola Jônica e também o primeiro filósofo. Essa escola teria surgido na região da Jônia, onde seria atualmente a Turquia e contou com vários outros filósofos pré-socráticos, assim como: Anaxímenes; Heráclito; Arquélau. Vale a pena destacar que Anaxímenes foi o discípulo de Anaximandro e se baseou em uma parte da teoria de seu mestre de que o elemento originário estaria presente em tudo e seria infinito. No entanto, este elemento passaria a ser determinado, sendo o ar como sua arqué.

Considero esse tema importante porque ele nos estimula a pensar fora do que nos era dito no passado, gerou reflexões na época e que graças a elas, fomos capazes de refutar o que nos era apresentado como “verdade”. A forma que eles buscavam explicar a natureza por meio dela mesmo é certamente interessante pois evidenciava de certa forma o cansaço de explicações sem bases racionais e foi responsável pela desmitificação do mundo através da razão (logos). Em particular, o conceito de arqué de Anaximandro foi o que mais me chamou atenção.

Fazendo uma analogia ao conceito do “ápeiron” e à busca pelo conhecimento podemos dizer que isso também reflete a nossa vida na atualidade, onde estamos sempre seguindo em frente, em busca de uma resposta através de horizontes desconhecidos. Essa busca pela explicação pode estar ligada ao nosso impulso inato de ser humano e sempre querer saber a base e princípio de tudo, até do que é indeterminado. Essa procura pelo significado é um processo constante, assim como os pré-socráticos, que também procuravam um meio de explicação para a origem do mundo racionalmente.

Ligada aos conceitos de opostos do mundo que Anaximandro também cita, podemos atribuir a dualidade entre os conflitos da nossa realidade atual dentro deste contexto. Alguns exemplos são: trabalho VS lazer; ordem VS caos; individual VS coletivo. Refletindo esses exemplos, vemos que há uma interação de forças opostas que movem o mundo e fazem as coisas, de certo modo, acontecerem. “Todos os seres derivam de outros seres mais antigos por transformações sucessivas.” Essa frase de Anaximandro foi uma das citações que mais me chamou atenção por ele ter formulado algo tão complexo para o período em que ele se encontrava, visto que a “Teoria da Evolução”, de Charles Darwin, só foi iniciada a partir do século XIX possuía mesmo assim completo sentido com o que ele havia dito.

Um outro ponto interessante é atribuir esse princípio do ilimitado de Anaximandro à expansão do universo. Por exemplo, notamos que a expansão do universo é vista como um processo contínuo e indeterminado, talvez até infinito, criando possibilidades para o novo e conseqüentemente

gerando um processo de busca pela explicação, semelhante aos pré-socráticos, que buscavam uma resposta para sustentar e explicar a origem das coisas. (cosmologia)

Em resumo, a minha maior reflexão durante a construção desse trabalho foi parar e analisar que tudo tem uma origem, mesmo que essa origem seja indefinida, fazemos parte dela e ela parte de nós. Esse trabalho me fez enxergar a busca pela explicação da origem das coisas como algo essencial para o nosso autodescobrimento e aprendizado. Além da origem, a ideologia também foi e ainda é uma ferramenta extremamente importante para a nossa existência. Ela define e é definida por nós e é composta pelo o que acreditamos, são os nossos valores e podemos atribuir esses conjuntos de valores aos pré-socráticos, que buscavam compreender o mundo através de um elemento e princípio primordial do universo. (arqué).

Indo mais a fundo na análise, eu pude notar que concordar e discordar, em alguns aspectos, pode ser algo muito bom para se descobrir novas coisas pois nos mostra novas perspectivas e caminhos a serem seguidos. Acredito que viver 100% no preto ou no branco não seja a melhor escolha a se fazer, mas sim buscar o equilíbrio para que fiquemos mais abertos a diferentes visões de mundo e saibamos aproveitá-las. Durante o desenvolvimento deste trabalho, eu também percebi o quão presente a filosofia está em nossas vidas e como ela pode ser usada para ampliar perspectivas, desenvolver pensamentos críticos e até mesmo como uma forma de nos enriquecer culturalmente. Esta pesquisa, sem dúvidas, foi como um meio de me conscientizar diante a estas questões e sem dúvidas me trouxe um grande e inesquecível aprendizado.

Acredito que tenha faltado exemplificar mais a fundo a visão de cada um dos outros filósofos, mas infelizmente eu acabaria excedendo o número máximo de páginas permitidas. Por isso, eu optei por redirecionar o foco em um pré-socrático apenas onde eu pudesse extrair o máximo de informações possíveis, destacando seus pontos e visões.

Explorar mais a fundo a teoria do Universo usando a arqué de Anaximandro, sem dúvidas, seria realmente interessante. Mas não só a dele, utilizar da arqué em geral como um meio para o autodescobrimento e desenvolvimento pessoal humano também seria essencial para melhor compreensão de nossos princípios, valores e conceitos, além de constituir a essência da nossa existência.

## CAPÍTULO 4 - SÓCRATES E OS SOFISTAS:

### A BUSCA PELA VERDADE

*Lázya de Oliveira Silva*

A “verdade” ao longo da filosofia, foi um tema muito debatido quanto ao seu sentido, e até que ponto algo seria “verdadeiro.” porém, houve um grupo de filósofos que tiveram suas perspectivas quanto esse assunto. O consenso deste trabalho trata-se em abordar as linhas de raciocínio e ideias desses pensadores, desde sua definição até em que ponto algo seria considerado verdadeiro. O trabalho visa sobretudo fazer o leitor refletir o quanto ele conhece sobre as coisas, se ele realmente é alguém que se denomina “sábio” por saber de tudo, ou se é um indivíduo ignorante quanto ao mundo? Se para ele, a verdade é algo certo que existe ou se não há uma verdade correta. Após conhecer os principais pensadores e fazer a leitura de suas principais ideias, o leitor poderá refletir quanto ao seu conhecimento e seus princípios.

Sócrates foi um dos filósofos mais importantes da filosofia ocidental, nascido em Atenas por volta do século V a.C. entre os anos 469 e 470. Sócrates era filho de um escultor e uma parteira, sempre foi humilde quanto ao seu estilo de vida e forma de se vestir. Durante sua jornada, Sócrates andava pelas ruas de Atenas e convidava pessoas que eram denominadas sábias para uma conversa, sendo seu intuito saber o quanto essa pessoa sabia e o que a fez ganhar este título. Na conversa, Sócrates fazia perguntas como: “O que é o bem e o mal? O que é justiça? O que é a virtude?” E assim, deixava as pessoas responderem o que sabiam, dando abertura para mais perguntas serem realizadas, pois para ele, o diálogo seria a melhor forma de buscar conhecimento, já que, com suas palavras, tudo que ele sabia era que não sabia de nada. Houve um momento que esse ato ficou conhecido como “Método Socrático”, tendo ela dois destaques, a ironia e a maiêutica.

Na ironia, Sócrates buscava pontos onde o interlocutor se contradiz em suas ideias, como se estivesse “provocando” para conseguir mais detalhes do argumento contraditório. E conforme vinha mais perguntas de forma mais aprofundada, a pessoa ficaria confusa e não responderia. A maiêutica teria o objetivo de trazer a luz ao conhecimento. Nessa etapa o interlocutor se denomina sábio, aceita sua ignorância, abrindo margem para que ele descubra a verdade por conta própria por meio da reflexão.

Os sofistas eram um grupo de professores e eruditos pertencentes à escola sofística, existente por volta dos séculos IV e V a.C. Estes viajavam de cidade a cidade para levar seus conhecimentos

aos jovens e adultos em troca de pagamentos, ou seja, apenas os bons financeiros tinham acesso aos seus ensinamentos, nas quais eram focados em argumentos sobre determinados assuntos. Estes ensinamentos tinham o intuito de preparar seus discípulos para vencerem discussões, expondo suas opiniões da melhor forma possível para demonstrar que ela tenha seu valor. Muitos filósofos tinham aversão de suas ideias, seja porque eles consideravam que os sofistas tinham a visão distorcida do que seria a verdade ou por que a forma que eles vendiam seu conhecimento aos outros, sendo chamados até mesmo de falsos filósofos. A diferença entre os Sofistas e Sócrates, era que os sofistas apoiavam a ideia que não existia o conceito “verdade”, sendo tudo questão de opinião, pois cada um tinha sua percepção sobre o que era “verdadeiro”, e para eles, a única forma de defender a sua verdade, no caso, a opinião, seria saber argumentar muito bem. Já Sócrates, apoiava que o conceito “verdade” existia, e a filosofia seria o caminho para guiar o ser humano a chegar nela, por esse motivo ele afirmava a sua ignorância sobre o mundo, pois a única forma de ele chegar à verdade, seria dialogando com outras pessoas.

Durante as pesquisas sobre ambos, pude perceber suas ideias em relação ao que seria verdadeiro, pois enquanto uns abordam como algo relativo, o outro pensa como algo que já existe e que descobriram se aceitasse sua ignorância quanto ao mundo. Particularmente, creio que ambas as ideias estão corretas, por mais que o conceito de ambos sejam um tanto diferentes um do outro. Há a existência de coisas verdadeiras por simplesmente serem, bastando apenas você descobrir. O argumento de Sócrates pode fazer alusão a ciência. Por exemplo, o conceito da terra ser esférica. Ela sempre foi e sempre teve o formato esférico, mas ninguém sabia dessa informação, então a única opção era deduzir em como era o formato da terra, até que em momento, a tecnologia avançou e descobriram que ela sempre teve o formato esférico, com isso, nós só soubemos de uma informação depois.

Já com o argumento dos sofistas, pode-se dizer que também não está errado pelo fato que cada um tem sua opinião, e o que pode ser verdade para um, pode não ser para o outro, bastando apenas argumentar do porquê a opinião de um vale mais que a do outro. Por exemplo: duas pessoas estão assistindo o mesmo filme, a primeira pessoa diz gostar do filme, e a segunda, diz que não gostou. Para entrar em um consenso, ambos teriam de argumentar para saber o porquê do filme ser bom ou ruim. O motivo do filme ter sido ruim ou bom, pode ser relativo, pois inclui várias questões, como o gosto pessoal, cultura, o gênero, entre outros. Tendo isso em mente, nenhuma das duas pessoas estariam erradas, pois estariam expressando sua opinião quanto àquele filme de acordo com sua visão.

Considerando as ideias citadas, pode-se ver a divergência entre ambos os tipos de “sábios”, principalmente em seus modos de pensar sobre o mundo e como chegaram a tal conclusão, como

também o modo deles transmitirem seus conhecimentos aos outros. Apesar de tudo, citá-los e realizar estudo sobre eles é de extrema importância, pois dá ênfase à diversidade de pensamentos do ser humano, e como eles podem chegar em consensos diferentes em relação à definição dos valores e virtudes. E se juntarmos ambos os pensamentos, veremos que há rastros dele em sociedade.

## **CAPÍTULO 5 - MÉTODO SOCRÁTICO: IRONIA E MAIÊUTICA**

*Maria Clara Dias de Miranda Barbosa.*

Sócrates foi um filósofo grego que nasceu em Atenas em meados do século V a.C. e se tornou a metrópole da cultura grega, sendo até nos dias atuais uma grande referência da filosofia ocidental. Ele é considerado o "pai da filosofia" mesmo não sendo o primeiro filósofo. Tudo isso graças à sua busca incansável pelo conhecimento e o desenvolvimento de um método para essa busca, o método socrático. O método socrático recebe esse nome graças ao Sócrates que foi quem o criou. Nesse método, Sócrates ensinava fazendo perguntas, ele procurava expor contradições nos pensamentos e ideias dos seus discípulos, para guiá-lo a conclusões. O objetivo dessa dialética socrática é questionar crenças habituais do seu interlocutor para em seguida, assumir sua ignorância e assim buscar um conhecimento verdadeiro. O método socrático busca afastar a opinião e alcançar o conhecimento. Para Sócrates, somente após a falsidade ser deixada de lado é que a verdade pode aparecer.

O pensamento socrático é considerado um marco para a filosofia, na medida em que inaugura um período que ficou conhecido como antropológico. Sócrates tirou o foco da investigação filosófica das questões cosmológicas (a respeito da origem e da composição do universo), para as questões antropológicas, ou seja, questões relativas ao próprio homem, como: " O que é justiça?", " O que é beleza?" etc. O método socrático era baseado na dialética, ou seja, Sócrates buscava, através do diálogo, gerar uma transformação nos seus interlocutores. Antes de seguir para o método socrático, é importante ressaltar a retórica dos sofistas, à qual o método socrático se opunha.

Durante o período clássico (séc. V e IV a.C.), o centro cultural migrou das colônias gregas para a cidade de Atenas. Atenas vivia nesse período uma acentuada produção artística, filosófica, literária e o desenvolvimento da política. Nesse cenário, surgem os sofistas, que eram pensadores que ficaram conhecidos como mestres da retórica. Tudo aquilo que sabemos sobre os sofistas nos dias atuais procede dos filósofos que eram os seus " adversários". E por essa razão, eles ficaram conhecidos como impostores e enganadores, mas na verdade, os sofistas eram apenas professores nômades que cobravam pelos seus ensinamentos.

Os sofistas ensinavam a dialética, isto é, a "atacar e defender o mesmo assunto com argumentos igualmente fortes" (CHAUI,2002), eles utilizavam técnicas de memorização para que o orador fosse capaz de enunciar longos discursos sem precisar do auxílio da leitura e também utilizavam técnicas de dicção, para que o orador fosse capaz de pronunciar corretamente as palavras

de uma forma clara, de maneira que todos os que escutassem seu discurso o entendesse. Os alunos dos sofistas aprendiam a dominar a arte da palavra, ou seja, falar com graça, elegância e com ritmo, essas habilidades eram fundamentais na democracia ateniense, em que os cidadãos participavam ativamente dos debates públicos.

No entanto, a argumentação retórica não tinha como objetivo alcançar a verdade, mas sim convencer e induzir os interlocutores. A verdade para os sofistas é relativa, ou seja, o que vale para um lugar, não serve para outro, por isso o importante é obter argumentos capazes de, em qualquer circunstância, vencer o debate. Essa postura adotada pelos sofistas lhes deu uma fama de relativistas, concebendo-lhes uma visão pejorativa, porém a partir do século XIX uma nova historiografia surgiu ressaltando suas principais contribuições. Dentre elas, sua contribuição para a sistematização do ensino, dividido entre gramática, retórica e dialética. E se opondo à argumentação retórica dos sofistas, Sócrates desenvolve a dialética socrática, com a finalidade de mostrar um caminho racional para que os homens pudessem alcançar um conhecimento verdadeiro. Para Sócrates, o objetivo com essa dialética não é vencer ou persuadir, mas sim alcançar a verdade. Diferente dos sofistas, Sócrates acreditava que todos os homens, independente de suas condições financeiras ou posição social, são dotados de razão.

No livro *Apologia de Sócrates*, escrito por Platão, um dos seus discípulos, podemos encontrar uma pista da origem do método socrático. Dado que, após descobrir que a pitonisa de Delfos havia dito que ele era "o mais sábio dos homens", Sócrates, decidiu interrogar os homens que possuíam a reputação de sábios, para assim, desmentir o oráculo, pois se considerava ignorante. Sócrates então, interrogou políticos, poetas, artesãos e então percebeu, que todos afirmavam conhecer alguma coisa mas estavam paralisados e não conheciam nada exatamente, eles possuíam uma dupla ignorância. Primeiro, por ignorarem aquilo que diziam conhecer, e depois, por ignorarem o fato de serem ignorantes. E a partir disso, Sócrates então concluiu que era o mais sábio de todos aqueles homens, pois soube reconhecer sua própria ignorância. Para ele, acreditar saber aquilo que não se sabe, era a ignorância mais deplorável.

O método socrático consistia em quatro fases essenciais para compreender o que era a verdade (ALETHEIA):

- **A primeira fase é a exortação**, onde Sócrates costumava andar pelas ruas de Atenas para conversar com as pessoas. Essa conversa consistia em convidar ou provocar alguém para dialogar sobre algo que exigia certa reflexão. Nessa época, esses diálogos eram certamente sobre política, crenças, religiões, ética, moral, economia e outros assuntos importantes para a vida social e política de Atenas.

- **A segunda fase desse método é a indagação**, onde Sócrates indagava as pessoas a respeito de algo e deixava a pessoa falar sobre o que foi perguntado e apenas ouvia com atenção.
- **Na terceira fase, temos a ironia**, onde após ouvir atentamente a pessoa, Sócrates colocava algumas dúvidas sobre tudo o que a pessoa tinha acabado de falar para que ela pensasse se o que tinha dito era apenas uma opinião ou conhecimento verdadeiro. O propósito de Sócrates era ajudar na reflexão sobre a verdade e não envergonhar a pessoa.
- **Na quarta e última fase do método, temos a maiêutica**, que consistia na pessoa reconhecendo que suas falas são desprovidas de conhecimento e que possui uma ignorância a respeito de tudo que ela disse. Nesse ponto, Sócrates faz com que a pessoa reflita e dê a luz à sabedoria, pois para Sócrates, a verdade deve vir de dentro da pessoa e trazer a verdade como essência interior do homem e assim reconhecer a sua ignorância.

Dito isso, vale ressaltar como a prática do método socrático contribui para a educação nos dias atuais.

A prática se baseia no diálogo orientado por questões, onde o papel do professor é mais de receptor do que emissor. Pois, nesse método socrático, o professor nega seu próprio conhecimento sobre um determinado assunto para fazer com que os alunos cheguem a ideia ou resposta correta. O plano básico é que os alunos aprendam a alcançar o raciocínio e a lógica através de pensamento crítico. A famosa frase do Sócrates: " Só sei que nada sei", serve de ponto de partida, pois através do reconhecimento da nossa ignorância e estando abertos a aprender coisas novas, podemos evoluir. O método socrático pode ser uma técnica extremamente poderosa para os professores abordarem certos assuntos complexos em sala de aula, pois permite que os alunos pensem e reflitam sobre o assunto. Ele pode ser adequado para conceitos de definição exata, como em disciplinas objetivas como ciências ou matemática.

Nessa área, o seu uso ideal é margear o assunto, incentivando a curiosidade dos alunos sobre o tema. A utilização desse método em sala de aula deve funcionar como um diálogo entre o professor e os alunos, onde ambos são responsáveis por conduzir o diálogo. O uso moderno do método socrático não depende apenas das respostas dos alunos a uma pergunta, mas sim, se basear em um conjunto de perguntas feitas anteriormente e que de alguma forma leve os estudantes a uma ideia. E através disso, o professor consegue envolver e entusiasmar os alunos. Uma forma de abordar isso, é partir de perguntas sobre questões que a turma já sabe e entende, criando um espaço para o professor introduzir novos conceitos, criando então, um ambiente onde todos realmente estejam aprendendo e não apenas, escutando e repetindo informações que vão ser decoradas e talvez esquecidas depois.

Uma outra forma de utilizar esse método em sala de aula é promovendo um círculo de debates, promovendo a aprendizagem colaborativa e cooperativa e encorajando os alunos a não apenas encontrar interpretações corretas sobre o conteúdo, mas a explorar e analisar o conteúdo de ponto de vista diferentes. Essa metodologia coloca os alunos no centro do processo de aprendizagem, os envolvendo e fazendo com que a aula seja mais dinâmica. Dessa maneira, todos aprendem a construir ligações entre os conhecimentos anteriores, e o impacto na aprendizagem começa a se externalizar para fora da sala e aula.

Além de contribuir para a educação, o método socrático também pode exercer um papel colaborativo para a medicina através da anamnese, um método adotado na medicina grega que consiste no diálogo estabelecido entre o profissional de saúde e o paciente, cujo objetivo é ajudar o paciente a se lembrar de situações e fatos que podem estar relacionados a sua condição ou doença. Para a execução desse método, se lembrar é o primeiro passo para a cura, pois assim, é possível indicar ao médico os caminhos a seguir, e desse modo, facilitar a sua tarefa de convencer o paciente a aceitar as dietas ou os remédios que vão ser receitados. Na medicina grega é fundamental que o paciente participe da cura, a tarefa de recordar era fazer o paciente admitir que ele possuía algum conhecimento sobre a sua doença e a partir disso, o paciente auxiliar na recuperação, agindo para chegar até a cura.

Esse método dialógico e participativo da medicina era o mesmo empregado por Sócrates. Ao se definir como "parteiro das almas", Sócrates queria dizer, que não era o pai das ideias que nasciam na alma dos seus interlocutores, mas sim, que a sua função era ajudar o nascimento das ideias. Seu papel era fomentar no interlocutor o desejo de saber, assim como o médico quer causar no paciente o desejo da cura e auxiliá-lo a realizar sozinho esse desejo. O diálogo, então, se torna a medicina socrática da alma.

No começo da filosofia, muitos filósofos contribuíram para moldar a civilização. Porém, alguns foram mais influentes do que outros, no início, os primeiros filósofos olhavam para os fundamentos do universo e da natureza, porém Sócrates buscava investigar o pensamento e as ações dos seres humanos, e assim, provocou uma grande mudança na história da filosofia. Sócrates floresceu a filosofia na Grécia e juntos com seus discípulos, formaram os pilares que edificam as sociedades ocidentais. Por causa de sua maneira de praticar filosofia, Sócrates não deixou um legado escrito. Os seus métodos, como a ironia e a maiêutica eram muito mais executados no plano da ação do que na literatura. Desse modo, tudo o que sabemos sobre Sócrates foi escrito por outras pessoas.

Em suma, o método socrático não visava confundir ou ridicularizar as pessoas, mas sim, motivá-las a alcançar um conhecimento mais profundo, de si próprio, dos objetos e do mundo que as rodeia, e assim, provocar nas pessoas novas ideias. Sócrates pretendia com sua maneira de filosofar, ajudar as pessoas a "parir", a dar a luz as novas ideias. Suas perguntas expunha os saberes das pessoas

e, ao mesmo tempo mostrava o quanto as pessoas não tinham consciência daquilo que realmente sabiam. Na visão de Sócrates, perguntar não gera o conhecimento mas é a maneira de mostrar o caminho para a verdade. Através das duas atividades, Sócrates nos mostra que a prática do filosofar, é, sobretudo, o exercício do questionamento, da interrogação sobre o sentido do homem e do mundo.

## **CAPÍTULO 6 - IDADE ANTIGA: SÓCRATES E PLATÃO CONTRA OS SOFISTAS**

*Isabelle Christina Lima de Oliveira*

Durante as aulas de Filosofia da Educação fizemos a recapitulação sobre a Idade Antiga, que é caracterizada pelo surgimento de sistemas filosóficos que abordaram questões fundamentais sobre a existência, o conhecimento, a moral e a política. Essas reflexões lançaram as bases para o pensamento ocidental e continuam a ser estudadas e debatidas nos dias de hoje. Com Sócrates, a filosofia nasce como uma forma de vida em situação educacional. Para o ateniense, filosofar é viver interrogando-se a si e aos seus semelhantes, ocupando-se de si e dos outros, cuidando de que todos cuidem de si, transmitindo sua paixão igualitária. Sem essa dimensão pedagógica, a filosofia não tem sentido; uma vez que a filosofia seja uma forma de vida que não afeta o modo de vida dos outros, a própria vida também perde o sentido. (KOHAN, 2011, p.144)

A Idade Antiga, também conhecida como Antiguidade, foi um período marcante na história da filosofia, onde surgiram grandes pensadores e sistemas de pensamento que influenciaram profundamente o desenvolvimento da reflexão filosófica. Se os primeiros filósofos gregos do final do século IIV a.C. ao século VI a.C. buscavam explicações físicas para o universo, na segunda metade do século V os pensadores voltaram sua atenção para os problemas da vida social e política, dando início à sofística. Sofistas foram mestres de retórica, ou oratória e se apresentavam como mestre da sabedoria, diferentemente de Sócrates. Tinham como o objetivo ensinar aos jovens o domínio da arte da persuasão, técnica pela qual os alunos aprendiam a defender suas ideias e opiniões utilizando a força da argumentação. Era fundamental que dominassem a arte do discurso, a arte de falar bem articulando o pensamento de forma lógica expressando claramente suas ideias de modo a persuadir seus ouvintes. Por isso a importância dos ensinamentos sofistas.

Sócrates, Platão e Aristóteles dominaram a Filosofia do século IV a.C. Compoendo assim uma tríade de filósofos que é considerada a base do pensamento ocidental. Sócrates descobriu um novo mundo que é considerado um marco divisor, a filosofia ocidental se divide em antes ou depois de Sócrates. Tudo o que se sabe sobre Sócrates foi por causa de um dos seus discípulos chamado Platão, mostrando uma versão metafísica e idealista. A grande mudança operada por Sócrates foi extrair as coisas humanas da totalidade estudada pela Filosofia, deixando de ser cosmológica para ser antropológica, ou seja, centrada no ser humano.

De acordo com o seu pensamento Sócrates concordava com os sofistas em dois pontos, a primeira, a antiga educação grega voltada para o desenvolvimento de jovens guerreiros que não faziam mais sentido no novo modelo da pólis e segundo, a filosofia cosmológica apresentava tantas contradições que não se mostrava capaz de alcançar conhecimento verdadeiro. No entanto, os sofistas eram empíricos (se apoiam na experiência, prática) não constituíam uma ciência metódica, o método de Sócrates se fundamenta em dois procedimentos gerais: a dialética e o amor. A dialética se caracteriza pela ironia e maiêutica.

A ideia primordial de Sócrates é antes de conhecer a natureza, antes de tentar persuadir os outros é necessário conhecer a si mesmo, ou seja, autoconhecimento. Sócrates buscava a essência real e verdadeira das coisas, a definição daquilo que é verdadeiramente uma coisa, um ideal, um valor, o seu conceito que não é dada pela percepção humana mas deve ser buscada pela atividade intelectual, o conceito consiste naquilo que o pensamento conhece da essência. O fato do Sócrates incentivar os jovens a pensar, questionar a realidade, era ameaça ao poder estabelecido da época, tornando-o uma figura perigosa pelos povos de Atenas, sendo assim, foi acusado de desrespeitar os deuses e corromper os jovens e violar as leis atenienses, o que o levou a julgamento porque Sócrates disse “eu prefiro a morte a ter de renunciar a filosofia”, tratando-se de uma defesa do filósofo formulado por seus discípulos contra Atenas.

O saber, segundo Sócrates, é pautado pelo diálogo, por meio do qual é possível ter acesso à verdade. A dialética socrática é uma prática, ou melhor, um método e não um conhecimento teórico já pronto. Nesse sentido, a filosofia não é um conhecimento a ser ensinado, nem é uma mercadoria a ser vendida e comprada, como pregam os sofistas, é o caminho para a verdade, é uma descoberta pessoal que leva ao autoconhecimento e ao exame de si próprio. Sócrates não detém o saber, mas o desperta por meio do diálogo, que é falante e vivo, em oposição à escrita, que é muda e estática. Por isso, não deixa nada escrito.

A dialética socrática utiliza a ironia, que consiste em interrogar o interlocutor sem nunca responder, levando-o a perceber o que não sabe, mas acreditava saber, e a maiêutica, que o estimula a pensar para dar à luz as ideias, com a ajuda do filósofo, que faz o papel do parteiro do saber. A filosofia, para Sócrates, ainda tem a ver com a adoção de um modo de vida que compreende o discurso verdadeiro como tarefa moral, quer dizer, buscar viver de acordo com o conhecimento da verdade e almejar a melhora do ser. A maneira que um indivíduo faz seu discurso tem relação com a maneira como ele leva sua própria vida, o filósofo prega o que se vive, portanto a filosofia não deve ser aprendida, ao contrário, deve-se aprender a filosofar.

O saber de Sócrates se opõe ao discurso sofista que é artificial e relativo, além de ter o intuito apenas de convencer o outro de determinadas convicções, através da retórica. Na visão de Sócrates, é

através do debate entre pontos de vista diferentes que se propicia um exercício da alma sobre ela própria, ou seja, o saber não é uma mera transmissão de conteúdo, como os sofistas fazem, é uma rememoração da alma, por meio da qual se tem acesso a uma verdade universal. A maior prova que Sócrates dá de que o conhecimento não é descolado da vida e da prática é não fugir do seu julgamento.

Ele não teme a própria morte, pois não sabe o que é, por isso não pôde temê-la, desta forma, demonstra que nada sabe, se fugisse do seu julgamento e não o aceitasse, iria contra o próprio saber filosófico. Essas ideias iriam influenciar o estoicismo, depois, ou seja, um pensamento ético em que se deve ter consciência da limitação humana do entendimento da verdade, reconhecendo o Logos Divino e concentrando-se no que está ao seu alcance. Platão foi o introdutor do idealismo, concepção filosófica segundo a qual as ideias são essências eternas, imutáveis, dotadas de existência própria, enquanto as coisas materiais são manifestações imperfeitas das idéias universais.

A Teoria das Ideias já estava presente em Sócrates, mas Platão vai além. A tese formulada por Platão é a de que, muitas vezes, nossos sentidos nos revelam a contradição presente nas coisas, e o único meio de eliminar essa contradição consiste em separar aquilo que sensação confunde e considera como existindo à parte aquilo que aparentemente pertencia a um único objeto, ou seja, a realidade não está propriamente no objeto, na coisa em si, nas em suas qualidades, as quais percebemos as imagens. O Mito da Caverna, apresentado por Platão em sua obra "A República", é uma alegoria que descreve a jornada da ignorância em direção ao conhecimento.

O filósofo imaginou uma caverna onde haviam prisioneiros acorrentados desde o seu nascimento. Incapazes de se locomover ou mesmo de virar a cabeça em direção a entrada, por exemplo. Esses prisioneiros viviam sem conhecer o mundo exterior, percebiam apenas sombras projetadas na parede, iluminadas por uma luz que provinha da entrada. Assim, um dos prisioneiros inconformados com a sua situação atual, decidiu fabricar um instrumento para assim se livrar da caverna, aos poucos foi movendo cada parte do corpo até conseguir mover o corpo todo em direção a saída. Como não estava acostumado com a luz do Sol que invadiram seus olhos e pelo esforço que fez com o corpo, o primeiro impulso foi voltar à caverna (porque era o confronto, o que estava acostumado) mas aos poucos começou a ficar deslumbrado com o que via. Depois de um tempo o ex-prisioneiro decidiu voltar para caverna para contar aos companheiros tudo o que tinha visto e tentar convencê-los a se libertarem também, porém, ninguém acreditou nele e o chamaram de louco.

Esse mito pode ser interpretado como uma alegoria do ser humano aprisionado em suas crenças, tomando as aparências, sombras como se fossem verdade, ou seja, a realidade. De modo geral, a caverna representa a ignorância humana, o ex-prisioneiro (que se liberta e volta para relatar a sua experiência aos companheiros) pode ser identificado como filósofo e a luz do Sol representa a

luz do conhecimento (ou da verdade). Do ponto de vista epistemológico, representa uma metáfora de duas formas de conhecimento segundo a teoria de Platão: o mundo das ideias e o mundo dos fenômenos. O mundo sensível (dos fenômenos), se tem acesso através dos sentidos, é algo da ilusão e representa uma sombra do mundo verdadeiro, tudo o que se percebe são só projeções do real.

Para Platão, conhecer é lembrar, os humanos têm vivido no mundo como puro espírito quando contemplan o mundo das idéias mas se esqueceram de tudo ao que se tornaram prisioneiros do corpo, o filósofo explica pela teoria da reminiscência, o acesso das lembranças adormecidas. A ideia sobre a teoria platônica é a essência das coisas, objeto puro, por exemplo. O mundo das ideias, das essências imutáveis, se situa acima do mundo sensível. Dessa forma, só é possível chegar nesse acessar esse mundo através da apuração dos sentidos, livre de ilusões. O aspecto político do mito da caverna refere-se à tarefa do sábio de orientar os humanos, ensinar a se libertar de suas crenças e enxergar a realidade, trata-se de uma ação para a transformação dos indivíduos e da sociedade.

Durante a sua vida, Platão teve um mestre que o influenciou muito, que é o próprio Sócrates. Sendo assim, podemos fazer uma relação entre Sócrates e o Mito da Caverna, que é entendida considerando o método socrático como uma forma de conduzir as pessoas para fora da "caverna" de suas próprias ilusões e pré-concepções. Os interlocutores de Sócrates são desafiados a questionar suas próprias convicções e a buscar um entendimento mais profundo sobre si mesmos e o mundo. Platão, por sua vez, incorpora o legado de Sócrates em suas obras, desenvolvendo as ideias do mestre. A filosofia de Platão é marcada pela teoria das Ideias, onde o conhecimento verdadeiro tem uma compreensão das formas eternas e universais que transcendem a realidade material.

Ao longo do curso de filosofia da educação, fica evidente como os ensinamentos de Sócrates e Platão são cruciais para moldar as práticas educacionais atuais. A reflexão constante, inspirada na filosofia socrática, não deve ficar presa ao passado, mas sim ser uma busca contínua. Reconhecer a importância dos temas filosóficos na sala de aula é fundamental para construir uma prática pedagógica de qualidade, seguindo a tradição de questionamento e busca pelo conhecimento desses filósofos. Assim, a filosofia de Sócrates, Platão e o Mito da Caverna proporciona um guia valioso para vivermos de maneira mais consciente e autêntica.

## CAPÍTULO 7 - ARISTÓTELES E SUAS CONTRIBUIÇÕES

*Kamily Eduarda Galindo da Silva*

Aristóteles, uma das mentes mais influentes da Grécia Antiga, emerge como um gigante na história da filosofia e do pensamento humano. Nascido em Estagira, Macedônia, por volta de 384 a.C., ele se tornou discípulo de Platão e desempenhou um papel crucial como mentor de Alexandre, o Grande. Esta figura proeminente não apenas moldou o curso do pensamento filosófico, mas também deixou um legado que ressoa através dos séculos. Sua obra extensa e diversificada abrange uma variedade de disciplinas, desde ética e política até lógica, biologia e poesia. Ao explorar a ética em "Ética a Nicômaco", Aristóteles oferece uma visão profunda sobre a virtude e a busca pela felicidade. Em "Política", sua análise das formas de governo e o papel da virtude na estabilidade política revelam uma compreensão notável das dinâmicas sociais.

Aristóteles não apenas contemplou questões éticas e políticas, mas também desenvolveu uma lógica formal notável, apresentada em "Organon". Suas contribuições à biologia, apesar de limitadas pelos padrões modernos, são inegáveis em "História dos Animais" e "Partes dos Animais", onde suas observações pioneiras lançaram as bases para a biologia como a conhecemos hoje. A metafísica aristotélica, explorada em sua obra homônima, revela uma busca incansável pela compreensão da natureza da realidade. Suas ideias transcenderam os limites da filosofia, influenciando disciplinas como ciência, lógica e teologia.

Ao fundar o Liceu, Aristóteles criou uma comunidade intelectual que se tornou um farol de aprendizado. Seu método analítico e compromisso com a observação sistemática marcaram uma revolução no pensamento acadêmico, deixando um impacto duradouro. Nesta breve incursão na vida e obra de Aristóteles, exploraremos a riqueza de suas contribuições, mergulhando em suas ideias que ecoam através dos séculos e continuam a inspirar pensadores, estudiosos e filósofos contemporâneos.

Este trabalho será dividido em 3 partes, sendo elas a Introdução, o Desenvolvimento e a Conclusão. As páginas são: Introdução na página 1, Desenvolvimento nas páginas 2, 3 e parte da 4; Conclusão na página 4.

Aristóteles nasceu em Estagira, na Macedônia, em 384 a.C., devido ao local onde nasceu, Aristóteles ficou conhecido como "o Estagirita". Com 17 anos, ele passou a frequentar a Academia de Platão, em Atenas. Aristóteles era de origem aristocrática, muito educado, requintado e extremamente inteligente, características que o fizeram se tornar o preferido de seu mestre Platão.

Quando Platão morreu, em 347 a.C., Aristóteles acreditou que se tornaria o substituto na direção da academia, mas foi rejeitado não ser um ateniense. Decepcionado com o ocorrido, Aristóteles foi para Atarneus, na Ásia Menor, onde se tornou conselheiro de estado de Hermias, um antigo colega e filósofo político. Aristóteles se casou com Píttria, que era filha adotiva de Hermias. Mas a felicidade durou pouco, já que os Persas invadiram o país onde eles estavam, deixando-os sem pátria devido a morte de seu governante.

No ano de 343 a. C., Aristóteles foi convidado pelo rei Felipe II da Macedônia, para ser o preceptor de seu filho Alexandre. A vontade do rei era que seu filho fosse um filósofo requintado, assim como Aristóteles era. Durante seus 4 anos como mentor na corte da Macedônia, Aristóteles prosseguiu com suas pesquisas e criou diversas de suas teorias. Quando Aristóteles voltou para Atenas, em 235 a.C., ele decidiu fundar a "Liceu", sua própria escola, que tem esse nome por estar localizada no prédio que homenageava o deus Apolo Lício. Além dos cursos específicos para seus discípulos, Aristóteles também dava aula para o povo.

Na escola Liceu se estudava diversas matérias, como matemática e Astronomia. Em 323 a. C., o rei Alexandre Magno da Macedônia, que controlava a Grécia, morreu. Aristóteles foi acusado de apoiar o reino tirano e resolveu fugir de Atenas um ano após, em 322 a.C, Aristóteles morreu em Cálcis, e em seu testamento ele determinou a liberação de seus escravos. Aristóteles influenciou de forma significativa sobre o desenvolvimento da filosofia no mundo Ocidental, claramente vista na filosofia cristã de São Tomás de Aquino.

Aristóteles por diversas vezes questionou o idealismo de seu mestre, isso acontecia pois para Platão existiam os mundos sensíveis e inteligíveis sendo assim, nenhum objeto concreto conseguiria ter seu significado completo. Já para Aristóteles, havia apenas um mundo, que seria diferenciado pela forma em que o conhecemos. Por exemplo: imaginando uma cadeira, Platão diria que não poderíamos definir a cadeira como objeto concreto, pois há várias diferenças entre elas. Somente pensar em uma cadeira já confirmaria a existência dela. Enquanto para Aristóteles era possível conhecer a cadeira através de características, como a forma da mesma, deixando a ideia abstrata para trás.

A “metafísica” foi uma palavra utilizada por Andrônico de Rodes, discípulo de Aristóteles, para nomear os textos aristotélicos voltados para o estudo da relação dos seres e suas essências. Aristóteles afirmava que a mesma citada acima, era a filosofia que investigava o "ser enquanto ser". Para Aristóteles Deus não é o criador do universo, e sim o motor. Deus é a fonte de toda e qualquer ação, o primeiro e último motor do mundo. Aristóteles fala de três princípios: **Identidade** = Uma sentença é sempre ela mesma; **Não contradição** = uma sentença só pode ser falsa ou verdadeira, não as duas; **Terceiro excluído** = Não existe terceira hipótese para uma sentença, ou é ou não é. Além

disso, ele sugere quatro causas para explicar a existência de tudo: causa material, formal, eficiente e final.

Aristóteles escreveu em um período de crise na democracia escravista, onde ele se preocupava com as formas de governo, onde ele considerava válidas a Aristocracia, a Monarquia e a Democracia. Ele escreveu um tratado chamado "A Política" onde analisou os regimes políticos. Para Aristóteles, os seres humanos são seres políticos, ou como definido por ele, animais políticos. De acordo com Aristóteles, tudo tende ao bem. O pensamento aristotélico é que a felicidade é o único objetivo do homem, e que para ser feliz é preciso fazer o bem a outrem, sendo assim, o homem é um ser social. Para ele, a busca pela felicidade seria uma finalidade natural dos seres humanos. Para tê-la completa é preciso buscar o justo-meio, o cuidado e o conhecimento prático capaz de conduzir o indivíduo ao bem.

As principais obras de Aristóteles foram:

- Lógica - "Sobre a Interpretação", "Categorias", "Analíticos", "Tópicos", "Elencos Sofísticos" e os 14 livros da "Metafísica", que Aristóteles denominava "Prima Filosofia". O conjunto dessas obras é conhecido pelo nome de "Organon";
- Filosofia da Natureza - "Sobre o Céu", "Sobre os Meteoros", oito livros de "Lições de Física" e outros tratados de história e vida dos animais;
- Filosofia Prática - "Ética a Nicômano", "Ética a Eudemo", "Política", "Constituição Ateniense" e outras constituições;
- Poéticas - "Retórica" e "Poética".

A profundidade das ideias de Aristóteles ressoa na interconexão entre suas obras, formando um sistema filosófico coeso. Sua abordagem holística, que une ética, metafísica e política, oferece uma visão abrangente da existência humana. Ao promover a virtude como alicerce para a boa vida, Aristóteles desafia as noções simplistas e busca uma compreensão mais rica da moralidade. Além disso, sua investigação metafísica sobre a natureza do ser e sua incursão na política, delineando a importância da participação cívica, continuam a inspirar diálogos e debates contemporâneos.

Em última análise, Aristóteles permanece como um farol de sabedoria, guiando o pensamento humano através das complexidades da vida, da realidade e da governança. Escolhi Aristóteles como tema porque ele é um filósofo que eu gosto muito e que é inspiração para muitos. Seus pensamentos são justos e fazem sentido. Outro motivo, é que estudei sobre a Poética dele em Teoria Literária e ele foi brilhante.

## **CAPÍTULO 8 - ESTOICISMO E FILOSOFIA DA MORTE: ACEITAÇÃO E REFLEXÃO SOBRE A NATUREZA TRANSITÓRIA DA VIDA**

*Natali Cristina de Souza*

Neste trabalho analisaremos o vasto panorama da filosofia que atravessam as condições humanas, encontraremos aqui teorias antigas e sábias que nos convidam à reflexão sobre a essência momentânea da vida. No interior desse emaranhado tecido de pensamentos, surge o encontro entre o Estoicismo e a Filosofia da morte, mostrando-se como uma forma de convite à aceitação fleumática defronte a transitoriedade que é a nossa existência. Ao passo que nos arriscamos por esses domínios, somos convocados a explorar como os estoicos, há muito tempo, entenderam os princípios para enfrentar com discernimento o medo da transitividade da vida.

Esse trabalho busca, sobretudo, esclarecer os fios dessa complexa teoria, instigando o leitor a conhecer um caminho de reflexão que não somente vai contra a primordialidade da vida, contudo também desafia a nossa compreensão sobre a própria morte. Aqui nessa pequena introdução, evitaremos mostrar por completo os mistérios que aguardam além dessa primeira página, pois assim como a vida e a morte são um completo mistério, até vivenciá-las. O estoicismo e a filosofia da morte é sem dúvidas uma trajetória a ser conhecida, um chamado à reflexão profunda que se desenrola através desses textos que nos faz compreender melhor os corredores da existência efêmera da morte.

Por fim, para maiores compreensões do leitor, o texto se organiza primeiramente com uma breve definição dessa filosofia e quais foram os seus principais pensadores em diferentes épocas. Continuando com as teorias e as abordagens que entornam esse tema.

O estoicismo foi uma escola filosófica da Grécia Antiga, criada pelo filósofo Zenão de Cício, por volta do século IV para o III a.C. Durante esse período, o filósofo criou um grupo que anteriormente foi denominado como zenonianos, mas logo depois foi modificado para estóicos que em seguida nomeou escola como estoicismo. Se tornando assim uma das mais importantes e marcantes escolas filosóficas helênicas e tendo ainda uma grande influência até hoje.

Zenão deixou um grande legado para os estudos filosóficos, suas ideias partiam da crença que a filosofia deveria ser entendida como forma de vida. Isto significa que desde o início, os estoicos propagavam a ideia de que a filosofia deveria ser uma prática de vida. O estoicismo defende que o objetivo principal da vida é viver segundo a razão, guiada pela lei da natureza e do universo. Os

estóicos argumentam sobre a aceitação das coisas que não podem ser mudadas e sobretudo a busca pela virtude, autodisciplina e autocontrole. Essa filosofia enfatiza a relevância de frisar a necessidade de diferenciar entre aquilo que está sob nosso controle, tal como, nossas ações, atitudes e escolhas e o que está além de nosso controle, como eventos externos e opiniões dos outros.

O estoicismo passou por três fases distintas. A primeira, o estoicismo antigo, que focava na ética e teve como principais representantes Zênon de Cítion, Cleantes de Assos e Crisipo de Solis. A segunda fase, foi o estoicismo helenístico romano, considerada mais eclética, influenciada pelo pensamento helenístico e aplicada na vida cotidiana por filósofos como Panécio de Rodes e Cícero. Na terceira fase, o estoicismo imperial romano, destacaram-se Sêneca, Epicteto e Marco Aurélio, sendo este último um imperador romano conhecido por suas práticas estoicas. Essa fase caracterizou-se pela continuação e aplicação prática do estoicismo na vida, influenciando as decisões dos líderes romanos nos séculos I e II d.C.

Entendendo um pouco sobre o conceito de estoicismo e quais são as suas motivações, podemos compreender como essas pessoas entendiam a transição da vida e sobretudo a visão deles sobre a morte. Os estoicos adotavam a crença de que a vida era algo instantâneo e a morte era algo natural do ciclo dos seres vivos e principalmente da existência. O contexto de vida para essa prática era visto como algo estritamente passageiro e a morte como algo inevitável.

A morte, durante todo percurso da humanidade, foi constantemente considerada um “tabu” e sempre carregada de complexidade e emoções. Entretanto, para os filósofos estoicos, a morte não era algo a ser temido, mas sim ser considerado como uma parte natural da vida. Os estoicos tinham um certo olhar analítico em relação à morte. Para eles, era algo inevitável que deveria ser encarado com mais serenidade e consistência, pois não era o fim da existência, mas sim uma passagem para outro estado. Os estóicos mantinham a crença no ciclo ininterrupto da vida e da morte. Para eles, morrer era uma extensão natural desse ciclo, onde, assim como todas as coisas que nascem, crescem e se desenvolvem, e a vida humana segue o mesmo padrão. Aceitar a morte deveria ser encarado como algo complementar, uma confirmação de sabedoria e, por conseguinte, uma maneira de viver em harmonia com a natureza.

A filosofia estóica busca orientar os seres humanos a viverem de forma mais racional. No entanto, viver de forma significativa vai além da simples existência; é essencial compreender como viver. Nesse contexto, retornamos à questão da morte, entendida como uma consequência natural da vida. Filósofos como Sêneca, pertencente à corrente estóica, argumentam que saber viver implica, de certa forma, saber enfrentar a morte. Nas palavras de Sêneca: “A morte é um benefício para todos, mesmo que muitos a considerem uma punição” (SÊNECA, epístola 70, 20).

Os estoicos analisavam a morte também como uma libertação do sofrimento e dos limites da vida terrena. Abraçavam a ideia de que a verdadeira liberdade não reside na busca de prazeres momentâneos, mas sim na conquista das virtudes e do autocontrole. A morte era vista como uma jornada para além das inquietações mundanas, liberando a alma para alcançar serenidade e tranquilidade. A filosofia estóica enfatizava a aceitação do inevitável, destacando a morte como uma realidade incontornável. Ir contra ela, argumentavam os estoicos, só levaria ao sofrimento e a ansiedade supérfluos. Recomendavam a resignação perante a morte, ressaltando que a vida é transitória e encorajando a viver segundo os princípios da virtude enquanto ainda é possível.

Outra perspectiva dentro do estoicismo é a abordagem do medo de morrer. Nesse ponto de vista, a morte é vista como uma parte natural da vida, oferecendo uma oportunidade para confrontar esse medo. Mudando o foco do medo da morte para o reconhecimento do tempo ainda disponível, permitindo assim que cada indivíduo aproveite melhor cada momento, aprofunde relacionamentos e persiga objetivos com mais vigor. Essa mudança de perspectiva dentro do entendimento estoico capacita cada pessoa a viver de maneira mais plena e significativa. A filosofia estóica nos instiga a abraçar a morte, não como uma ameaça temida, mas como uma realidade a ser aceita e compreendida. Quando os seres humanos encaram a morte como algo natural da vida, são orientados a viver com mais autenticidade, buscar a virtude e encontrar serenidade em meio à confusão da sociedade. Ao adotarmos essa perspectiva, libertarmos-nos do medo, permitindo-nos viver cada dia com um propósito mais profundo. A aceitação da morte, segundo os princípios estóicos, não apenas nos conduz a uma vida mais plena, mas também nos ajuda a transcender as preocupações triviais, concentrando-nos na verdadeira essência da existência e na busca da virtude.

O tema escolhido surgiu a partir de pesquisas sobre as escolas do helenismo. Inicialmente, estava inclinada a abordar a influência do estoicismo na psicologia, dada a interseção entre esses campos. No entanto, após aprofundar meu entendimento sobre os fundamentos do estoicismo, decidi explorar sua relação com a morte e como os filósofos estoicos encaravam esse aspecto da existência.

O que mais me intrigou nessa corrente filosófica foi a maneira como os filósofos estoicos encaram a morte e, por consequência, a vida. Inicialmente, eu tinha uma perspectiva um tanto negligente em relação à morte. Embora reconheça que algumas pessoas enfrentam um medo insuperável de morrer, nunca senti esse temor em grande medida, talvez por nunca dedicar muito tempo a refletir sobre o assunto. Sempre encarei a morte como uma parte inevitável da vida, mesmo considerando injusto que algumas pessoas morram tão jovens, sem vivenciar plenamente as experiências humanas. Entretanto, ao observar pessoas mais velhas que já viveram a vida e mesmo assim têm medo da morte, particularmente, não consigo compreendê-las completamente, pois já experienciaram uma vida plena, então o que mais os resta além do fim de um ciclo e o descanso.

Obviamente, não acredito que pessoas mais velhas tenham que morrer, mas acredito que devemos olhar com mais carinho a trajetória e a dádiva da vida.

Acredito na importância da filosofia estoica, pois nos ensina a viver com mais leveza e não nos preocuparmos com coisas que estão além do nosso controle, não só a morte, mas tudo em nossas vidas. Infelizmente dispomos da mísera ilusão que temos o controle de tudo, quando, na verdade, não temos controle de nada. Essa teoria poderia ser facilmente aplicada no campo da psicologia e na nossa vida pessoal, tal como no aprendizado do autocontrole e na autodisciplina.

O filme que pode fazer alusão ao estoicismo e a filosofia da morte, seria “O Gladiador”. O filme é um épico histórico que segue a jornada de Maximus Decimus Meridius, interpretado por Russell Crowe. O personagem principal é traído pelo ambicioso Cômodo, filho do imperador romano Marco Aurélio. Maximus enfrenta reviravoltas que culminam em sua transformação em gladiador. Essa obra cinematográfica aborda princípios estoicos, destacando a aceitação do destino diante de adversidades, a coragem e resiliência diante da morte iminente, e o desapego dos prazeres efêmeros em favor da busca pela virtude e do cumprimento do dever. Maximus, busca entender sobre a morte e encarar os desafios com dignidade, personificando valores estóicos, contribuindo para a profundidade filosófica dessa epopeia cinematográfica.

Em síntese, a maior análise feita ao longo deste trabalho foi entender que a morte não é o fim de tudo e que a vida e que devemos aceitar que não temos o controle de tudo e que as coisas acontecem quando tem que acontecer. Toda essa pesquisa para formular esse trabalho me fez entender como às vezes estamos presos às coisas meio triviais da vida e como a morte pode se tornar um medo irracional para alguns que acabam olhando-a como um castigo e não como uma parte natural na vida de todos os seres. Particularmente, o tema estoicismo é extraordinariamente amplo, acredito que pode ter faltado um aprofundamento sobre o olhar do filósofo Sêneca sobre a morte, o suicídio também e os domínios da física, da metafísica e da ética. Contudo, o foco do trabalho inicialmente foi apresentar um pouco sobre o estoicismo e a sua relação com a vida vista como algo transitório e sobretudo a perspectiva desses filósofos sobre a morte.

A incorporação do estoicismo e da filosofia da morte no curso de Letras pode enriquecer a interpretação literária e o desenvolvimento pessoal dos estudantes. Ao analisar obras à luz dos princípios estoicos, os alunos aprimoram sua compreensão de personagens e temas. A filosofia da morte oferece uma perspectiva mais ampla. Estudar como autores lidam com questões existenciais promove uma abordagem multidisciplinar. Introduzir escritores estoicos na literatura integra ensinamentos filosóficos. Os princípios do estoicismo, como autocontrole e aceitação, beneficiam o desenvolvimento pessoal e profissional, cultivando resiliência e pensamento crítico. O encontro entre

o estoicismo e a filosofia da morte no curso de Letras proporciona uma abordagem abrangente para a compreensão da literatura e do ser humano.

Já em um contexto dentro dos clássicos literários, o tema do estoicismo e da filosofia da morte poderia ser facilmente abordado em “Memórias Póstumas de Brás Cubas”, de Machado de Assis. Neste livro, o protagonista, Brás Cubas, narra sua vida após a morte e reflete sobre temas existenciais, incluindo a própria morte. A obra de Machado de Assis permite uma análise profunda sobre a visão do autor em relação à vida, morte e o significado da existência. A filosofia estoica, com ênfase na aceitação do destino e na compreensão da efemeridade da vida, pode ser associada à perspectiva de Brás Cubas, que narra sua história com um olhar irônico e crítico. Explorar, assim, como o protagonista lida com a morte e como suas reflexões se alinham ou se desviam dos princípios estoicos.

## CAPÍTULO 9: O SURGIMENTO DA ESCOLÁSTICA NA IDADE MÉDIA

*Joao Victor Dias da Silva Moura*

Todo aluno já se perguntou, pelo menos uma vez, o porquê de estar estudando algo que não gostava. Bom, o aprendizado, a educação formal, no passado, era algo para poucos. Seus desenvolvedores não sabiam que, no futuro, a educação seria obrigatória para todos. Eles pensavam de forma filosófica, pensavam em como tornar um humano pleno. Assim desenvolveram ideias, conceitos que usamos até hoje, como, por exemplo a ideia de que uma pessoa, para compreender determinada informação, necessitava de outros conhecimentos mais elementares em primeiro lugar.

Assim, surgiu as sete artes liberais: algumas áreas do conhecimento elencadas por grau de dificuldade de compreensão. E essas áreas eram consideradas como fundamentais para educação elementar de uma pessoa. Algo “primitivo” do que possuímos até então. Muitos modelos de escola já existiram, um deles foi a escolástica. E seu surgimento, seu começo, é o que veremos a seguir.

Entre os séculos V e XIV, se encontra a era medieval e a escolástica representa toda essa época. Porém esse período varia a depender de qual povo estamos falando. Para os gregos, esse período começa no séc. VII. A escolástica nada mais é do que a filosofia e a teologia ensinada nas escolas medievais.

A forma como era pensada a filosofia muda com o surgimento do Cristianismo. Sua cultura é diferente da cultura pagã e seu surgimento coincide com o declínio do paganismo. O imperador Justiniano foi o responsável por fechar as últimas escolas pagãs. Como dito anteriormente, o paganismo já estava em declínio, porém o ato administrativo de fechar as escolas foi um marco civilizatório, o início de uma outra cultura.

Entenda-se “escola” como um ambiente de instrução e reflexão, porém não igual aos dias atuais. Aqueles que lá estudavam eram pessoas abastadas e nobres. E o aprendizado não era obrigatório como é hoje. Essas escolas eram anexas em abadias, em catedrais e em cortes. Suas nomenclaturas eram monacais, episcopais e palatinas, respectivamente. As escolas palatinas foram aquelas que tiveram mais influência sobre a cultura medieval.

Carlos Magno confiou a Alcuíno a tarefa de ser diretor de sua escola. Como diretor, desenvolveu três etapas para seu ensino, são elas: Na primeira etapa: a leitura e a escrita, ensino de latim, noções da bíblia e dos textos litúrgicos. Após a primeira etapa, era ensinado as sete artes

liberais, que são: a gramática, a retórica, a dialética, a aritmética, a geometria, a astronomia e a música. Nessa ordem. Na terceira etapa, era aprofundado o estudo da bíblia.

Alcuíno tinha a pretensão de criar uma nova Atenas, no sentido de criar um polo de pensamento filosófico. Também acreditava que ela seria mais esplêndida do que a própria Atenas clássica, pois a que ele criaria estudaria os ensinamentos de Deus. Fracassou em sua tentativa. Não foi capaz de criar uma cultura filosófica tão profunda quanto a dos filósofos clássicos. Porém os manuais a respeito das artes liberais desenvolvidos por ele alcançaram algo positivo: a disciplina para o estudo e para o ensino. Ao mesmo tempo, seus manuais causaram um desconforto naqueles que os estudavam. Eles não apresentavam uma boa argumentação do porquê deveria ter como ápice os estudos bíblicos como formação dos cristãos.

Escoto Eriúgena foi o responsável por resolver esta questão. Ele incluiu as sete artes liberais no contexto teológico. Essas artes começaram a ser compreendidas como ferramentas para a compreensão das palavras divinas. E foi assim que se formou a primeira escolástica.

A escolástica foi muito importante para a humanidade. A partir dela foram desenvolvidos outros modelos de educação mais complexos que abrangem as nossas necessidades modernas. A partir desse trabalho, como estou estudando para ser um professor, caso um aluno me pergunte de o porquê estudar, de o porquê a escola “é do jeito que é”, o direi que se estuda algo não só para ganhar dinheiro no mercado de trabalho, mas também se estuda, porque esclarece.

O surgimento do cristianismo, para eles, foi a verdade alcançada. E como todo educador quer passar seu conhecimento para o próximo, todo um método foi desenvolvido para o conhecimento ser propagado. Os mestres do passado, assim como os do presente, apenas buscavam entender seu mundo.

## CAPÍTULO 10 - A ESCOLÁSTICA

*Bruno Faria Gomes*

A Escolástica foi uma vertente do pensamento filosófico que perdurou do século IX d.C. ao século XV d.C., num período conhecido como idade das trevas ou idade média. Foi nessa época que o cristianismo alcançou o seu ápice intelectual. Um dos seus principais pensadores e responsável por essa ascensão do cristianismo foi Tomás de Aquino. Frade e, posteriormente, padre da igreja católica, foi o responsável por cristianizar o pensamento filosófico de Aristóteles afim de introduzi-lo no pensamento europeu. Sua principal função dentro da Escolástica foi unir a razão a fé, criando, inclusive, sua própria corrente filosófica denominada Tomismo.

Podemos dizer que a Escolástica foi desenvolvida como um pensamento crítico que viria a influenciar o conhecimento das Universidades da época e que traria inspirações para o ensino metodológico e dialético utilizados nos dias de hoje. O objetivo dessa resenha é mostrar o que é a escolástica e como a filosofia grega e a fé cristã contribuíram para a propagação do cristianismo na Europa com a finalidade de vincular Deus como responsável por tudo que existe e compará-la com outros autores que abordam a educação na figura do mestre ou professor para com o aluno. Mas, afinal, o que é a Escolástica?

A Escolástica é uma corrente do pensamento filosófico focada na leitura, no debate sobre o tema proposto nessa leitura e a meditação ou reflexão sobre tal. Essa dinâmica se dava através de uma figura central, no caso o mestre, para com seus alunos e era a partir dela que se dava os debates, inclusive com juris simulados e com o levantamento de questões. Essa questão metodológica e dialética teve grande contribuição para a educação como conhecemos hoje.

Um autor que aborda o mestre como figura central é Saviani (1984), através do que ele identifica como Pedagogia Tradicional, que ele identifica como a transmissão do conhecimento para que os alunos os assimilarem, mas a coincidência fica apenas nessa questão do mestre, já que, na Escolástica, o debate e a meditação, faz com que mestres e alunos interajam entre si. Por falar em interação, Freire (1967) faz uso do método ativo, que consiste em um diálogo igualitário entre mestre e aluno, fazendo com que se crie um ser crítico, capaz de debater e refletir sobre os assuntos tratados em aula.

Veja como, mesmo com diferença de séculos entre a Escolástica e os métodos abordados por Saviani (1984) e Freire (1967), há uma correlação, mesma que sutil. Voltando a tratar da Escolástica, veja como ela influenciou as áreas de conhecimento das universidades medievais em dois blocos:

- Trivium: gramática, retórica e dialética
- Quadrivium: aritmética, geometria, astronomia e música

Podemos dizer que a escolástica foi o ápice da teologia cristã iniciada ainda na Patrística, que foi a corrente filosófica que, de certa forma doutrinou o cristianismo “batizando” outro filósofo, no caso o Platão. É, inclusive, na Patrística que os autores e pensadores escolásticos se fundamentavam para corroborar suas autoridades em seus ideais. Inclusive, um grande influente na corrente de pensamento de Tomás de Aquino foi Santo Agostino.

Tomás de Aquino tinha como objetivo racionalizar o pensamento cristão, ou seja, fazer com que a fé e a razão se vinculassem, tendo em vista que a razão e a fé vinham do mesmo Deus. Com isso, seus pensamentos ficaram conhecidos como Tomismo, que tem como base a alma, que é essencial para dar vida ao corpo. A alma humana é imortal e única para cada indivíduo e, por isso, o homem tende naturalmente para Deus. Em suma, é através da razão alinhada a fé que o Tomismo aproxima o homem do divino.

Tomás de Aquino publica a obra intitulada “Summa Theologica” baseado no que Aristóteles dizia sobre o princípio da causalidade e da ideia de motor imóvel. É nessa obra que Aquino elabora as “Cinco Vias Que Provam a Existência de Deus”, sendo elas:

- O motor: Baseado na ideia de Aristóteles de que existe um motor para cada movimento, Aquino defende que Deus é o motor imóvel do universo
- A primeira causa eficiente: Baseado no princípio da causalidade de Aristóteles, Aquino defende que Deus é o princípio de tudo
- Seres necessários e seres possíveis: Divide a existência dos seres em dois grupos, sendo eles necessários (Deus) e seres frutos da criação (criados por Deus)
- Graus de perfeição: Aquino defende que Deus é o ser com perfeição máxima no universo e quanto mais próximo de Deus, mais perfeito os outros seres podem ser.
- Governo supremo: esse princípio informa a existência de um governo maior capaz de manter o funcionamento, organização e controle racional do universo. Segundo o Tomismo, essa função é exercida por Deus.

Tomás de Aquino também explorou temas como a realidade sensorial, o princípio da não contradição, o princípio da substância, o princípio da causa eficiente, o princípio da finalidade e o princípio do ato e da potência. O declínio da filosofia escolástica se deu justamente pela rigidez da igreja católica perante a sociedade da época, pois a vigilância exercida por ela fez com que a produção filosófica entrasse em decadência. Tal rigidez se deu pela sua decadência, tendo em vista que a sociedade burguesa começava a financiar reis para que se contrapusessem ao papa, além dos

nascentes Estados Nacionais. Foi a partir dessa decadência que a Europa entrou na idade moderna através do Renascimento.

A Escolástica, assim como muitos movimentos e pensamentos, atingiu seu ápice e sua decadência, mas deixou sua influência no modo de educar. Veja que, em alguns métodos de ensino posterior a ela, há algumas coincidências. A figura central, no caso o mestre, é o que chamamos de professor atualmente. É muito comum observar nas salas de aulas o que ocorria nas praças da idade média, onde o mestre expunha seus pensamentos para debate e análise assim como os professores expõem os conceitos e ideias a fim de que se faça um debate e uma reflexão sobre tal.

Hoje, a influência da Escolástica na educação não se dá pela e para a explicação da fé, mas sim pelo debate da ciência. Isso não significa que não se possa debater a existência ou não de Deus, mas o ensino praticado nas escolas e universidades deve ser baseado nos métodos científicos elaborados ao longo dos séculos. Talvez, por ser uma necessidade da igreja católica não só mostrar seu poder, mas também de mantê-lo, a explicação racional da existência de Deus e de que tudo que foi realizado até então foi através Dele fez com que a Escolástica se mantivesse tanto tempo como corrente filosófica na Europa até o seu declínio.

## CAPÍTULO 11 - TOMÁS DE AQUINO E AS CINCO VIAS

*Cristina dos Santos Martins*

Tomás de Aquino, também conhecido como Santo Tomás de Aquino, foi um filósofo, teólogo e frade dominicano do século XIII. Ele nasceu em 1225 na Itália e é considerado um dos maiores pensadores da Idade Média. Tomás de Aquino desenvolveu o sistema filosófico conhecido como tomismo que buscava reconciliar a fé cristã com a razão. Ele defendia a ideia de que a razão e a fé são complementares e podem coexistir harmoniosamente. Utilizou a filosofia aristotélica para fundamentar seus argumentos ao defender sua tese de que podemos provar a existência de Deus através da razão.

Sendo assim apresentou cinco argumentos, mais conhecidos como as cinco vias, sobre o que acreditava a respeito da criação do mundo e o criador. A principal obra de Tomás de Aquino foi a "Suma Teológica", uma compilação abrangente do conhecimento filosófico e teológico de seu tempo. Aquino baseava-se na leitura e comentário das obras de filósofos antigos, como Aristóteles, e nas Escrituras Sagradas. Ele encorajava o diálogo e o debate, buscando entender e esclarecer conceitos complexos por meio do raciocínio lógico e da análise crítica. Seu método enfatizava a importância da investigação intelectual rigorosa e da aplicação da razão na busca pela verdade.

Conforme já comentado anteriormente, Tomás de Aquino ficou conhecido pela sua contribuição para a filosofia e para a teologia, ele junta os dois pensamentos, argumentando que são complementares. Aquino foi revolucionário, pois na época em que vivia não se pensava nessa possibilidade, a filosofia e a teologia eram coisas distintas. Diz-se que Tomás de Aquino cristianizou Aristóteles. Na verdade o filósofo sistematizou a doutrina cristã, apoiando-se em parte da filosofia aristotélica, contudo abrangia alguns conceitos diferentes como: conceito sobre a criação do mundo, a ideia de um deus único, entre outros.

A obra de Tomás de Aquino é muito importante, pois a humanidade está sempre buscando respostas para vários questionamentos, sobre a vida e a existência, dessa forma seus pensamentos filosóficos trazem esclarecimentos preciosos que nos ajudam a compreender, principalmente sobre a existência de Deus. De certa forma, esses conceitos me chamam a atenção porque estão relacionados diretamente com a minha crença no Deus único, criador de todas as coisas. E o mais interessante é que Aquino baseia seus argumentos no próprio raciocínio humano, unindo a fé e a razão.

Uma das principais contribuições de Tomás de Aquino para a filosofia é a sua defesa do uso da razão na compreensão da fé. Ele argumentava que a razão humana pode ajudar a compreender aspectos da verdade divina, mas também reconhecia os limites da razão diante do mistério divino. Essa visão conciliadora entre fé e razão teve um impacto duradouro no pensamento cristão. Sua obra "Suma Teológica" é dividida em três partes principais: Deus, o homem e Jesus Cristo. Ao elaborar as Cinco Vias que provam a existência de Deus, estabeleceu uma conexão entre a obra aristotélica e a existência de Deus.

Os métodos de ensino utilizados no período escolástico eram debates, leitura comentada e júri simulado. Gostaria de fazer uma observação em relação aos debates: Não sei afirmar com certeza, se as divergências de opiniões sobre os mais variados assuntos eram resolvidas. Mas, através desse estudo, posso afirmar que os filósofos e doutores realizavam debates, onde levavam questionamentos para discussão, utilizando seus argumentos para chegar a uma conclusão, um saber filosófico.

Era um método bem interessante, porém acredito que o participante do debate, que possuía a melhor oratória e também os melhores argumentos, venciam o debate. Ainda que suas ideias não fossem totalmente corretas, somente pelo fato de apresentarem uma boa retórica, já conseguiam convencer de que sua fala era verdadeira. Nos debates se colocavam os pontos positivos e negativos, ou seja, favoráveis e contrários a afirmação inicial. Em suas falas, algumas vezes utilizavam citações de autoridades para dar mais credibilidade a ideia proposta. Gostaria até de fazer uma comparação com os dias atuais, como por exemplo os políticos, que através dos seus discursos bem elaborados conseguem convencer a população sobre suas propostas, ainda que sejam apenas promessas que futuramente não serão cumpridas.

Porém, Tomás de Aquino possuía uma notável honestidade intelectual, ao expor um problema em relação à fé cristã ou a Deus, não queria esconder os argumentos contrários em relação à questão discutida, ele mesmo trazia os pontos negativos e positivos para serem discutidos, a fim de, através da razão, encontrar a solução para o assunto em questão. Não demonstrava medo da verdade. E além disso, ele conseguia provar sua verdade unindo o raciocínio crítico e a fé, pois utilizava também a Bíblia como base de suas afirmações. De fato, o pensamento de Tomás de Aquino é reconhecido como um dos mais bem elaborados de toda a História da Filosofia. Conforme já afirmei anteriormente, as ideias de Aquino estão diretamente relacionadas com o que acredito, a fé em Deus como único criador de todas as coisas e achei muito importante a obra de Tomás de Aquino para minha vida.

Os cinco argumentos que formam a Suma Teológica:

1. Primeiro Motor Imóvel - Tudo no mundo está em movimento, mas todo movimento precisa de uma causa. Portanto, deve haver um primeiro motor imóvel que iniciou todo o movimento no universo, e esse primeiro motor é Deus.

2. Primeira Causa Eficiente - Tudo o que existe tem uma causa. No entanto, essa cadeia causal não pode se estender infinitamente para trás. Portanto, deve haver uma primeira causa eficiente que iniciou toda a existência, e essa primeira causa é Deus.

3. Ser Necessário e os Seres Contingentes - Existem seres que dependem de outros para sua existência. Se todos os seres fossem contingentes (dependentes), então em algum momento no passado não teria havido nada, o que é impossível. Portanto, deve haver um ser necessário (independente) que seja a fonte de existência para todos os outros seres, e esse ser é Deus.

4. Graus de Perfeição - As coisas no mundo possuem graus de perfeição em termos de bondade, beleza, verdade, etc. Esses graus implicam a existência de um padrão máximo absoluto de perfeição, e esse padrão máximo é Deus.

5. Governo do Mundo - 5. O mundo exhibe ordem e propósito inteligente. Essa ordem não pode surgir por acaso ou necessidade, mas requer uma mente inteligente para concebê-la e governá-la. Portanto, deve haver um governante supremo e inteligente que é Deus.

Dessa forma, o filósofo defende a existência de Deus como o Ser supremo, que sempre existiu antes de tudo e que é o fundamento para todos os outros seres existentes. Esse pensamento fortalece ainda mais o Cristianismo na idade média, mas também colabora nos dias atuais em um mundo com pessoas diversas, que possuem suas crenças e pensamentos próprios, trazendo a possibilidade de crer pela fé e utilizar também o intelecto, o raciocínio para se compreender sobre a existência das coisas. Pois anteriormente havia pensamentos que dividiam as opiniões sobre tais assuntos e Tomás de Aquino conseguiu unir com suas próprias ideias, as ideias de Aristóteles e o pensamento cristão, baseado na Bíblia. Portanto, após todo o contexto apresentado, é possível afirmar que Tomás de Aquino foi um grande filósofo que trouxe uma nova forma de pensar e contribuiu de forma significativa para o mundo, com suas ideias bem fundamentadas, não somente em pensamentos abstratos, mas também em fatos científicos, através do raciocínio e da lógica, agregados à fé.

## CAPÍTULO 12 - A REFORMA PROTESTANTE E A FILOSOFIA DA EDUCAÇÃO

*Thamires Santos da Silva*

Insatisfeito com as vendas de indulgências, isto é, vendas do perdão, praticadas pela igreja Católica no século XVI, Martinho Lutero, em 1517, liderou um movimento reformista em busca de melhorias para os cristãos. O que ele não sabia era que aquele simples ato de força e resistência o levaria a ser excomungado da Igreja Católica e se tornar um grande líder reformista protestante com teorias e ideologias que seguem sendo utilizadas até os dias atuais.

Naquela época, vivia-se o Renascimento na Europa e Igreja Católica naquele momento já estava passando por alguns conflitos internos, pois eles não viviam aquilo que pregavam. Outro fator que implicou nesta revolta foi que a Igreja Católica tinha muita influência na sociedade, pois continham muitas terras e cobravam impostos altos a todos, ou seja, muitas pessoas estavam insatisfeitas com isto, inclusive os ricos. Então, os reis e os nobres observaram a possível quebra da Igreja como uma oportunidade de se desvencilhar dela, visto que o poder maior sempre estava em sua mão e eles dependiam dela politicamente e economicamente para tomar decisões importantes.

Martinho Lutero, em um dos seus principais protestos, colou na porta da igreja do Castelo Wittenberg, a sua famosa obra "95 teses", onde criticava as más condutas dos membros da igreja e defendia como deveriam agir claramente com as normas sagradas de Deus. Um dos princípios mais importantes citados do líder protestante foi as Cinco Solas:

1. Sola fide (somente a fé)
2. Sola scriptura (somente a Escritura)
3. Solus Christus (somente Cristo)
4. Sola gratia (somente a graça)
5. Soli Deo gloria (glória somente a Deus)

Ao traduzir a Bíblia para o alemão Lutero, fez com que muitos cristãos se libertassem da dependência que existia com Igreja Católica, já que eles precisavam que os membros do clero interpretassem o que estava escrito ali. Entretanto, depois dessa nova conquista foi necessário instruir as pessoas ao estudo, porque era preciso saber ler, compreender e interpretar. E esse foi um dos desafios que Martinho Lutero também enfrentou, e venceu. Ele reivindicou a construção da escola

moderna, com ensino público e para todos, dividida em 3 etapas (fundamental, médio e superior), sistema que existe e é utilizado até os dias de hoje.

Martinho Lutero, Monge agostiniano, não sabia, mas estava construindo um futuro melhor para nós que vivemos no século XXI. Ele deu o primeiro passo para que hoje nós possamos ser livres para seguir o verdadeiro evangelho e termos o direito de um estudo de qualidade e gratuito.

Martinho Lutero foi muito corajoso por tal ato, um embate contra a Igreja Católica naquele momento era muito perigoso, fazendo o que poucos fariam e correndo um grande risco, até mesmo de vida. Dificilmente alguém agiria daquela maneira e sairia ileso, visto que estava desafiando a classe mais influente e poderosa daquela época. Mas já saturado vendo os abusos da igreja, ao ver as indulgências sendo usadas como forma de conceder perdão aos pecados dos fiéis e arrecadar dinheiro, essa foi a gota d'agua. Martinho foi destemido ao fazer uma carta, mais conhecida como as "95 teses", e colar na porta da igreja. No documento, continham 95 direcionamentos de como alcançar o perdão pela fé e não por dinheiro, o que causou um grande reboiço entre a população.

Seu ato pode ser comparado ao que Jesus fez por obediência a Deus e amor aos seus filhos quando esteve aqui na Terra. Mas pregar a verdade sobre o Reino dos céus, jogar a hipocrisia e a avareza por terra, indo de encontro aos escribas e fariseus, isso lhe custou a vida. Na Bíblia, ou em filmes e séries que a representam, como "The Chosen" ou "Maria Magdalena", conseguimos notar no roteiro que Jesus pregava e ensinava, por meio das parábolas e das suas ações, a verdade sobre o evangelho e a multidão o seguia, pois via nele a verdade. Martinho, um homem inteligente, sabia que se revelasse a verdade a todos, teria como concluir o seu objetivo: reformar as normas e regras da igreja. Sabendo que a maioria da sociedade já não estava satisfeita com a soberania total do clero, a reforma protestante foi um "checkmate" para uma nova configuração governamental.

O monge pregava que quem ama educa, atendendo às necessidades individuais e coletivas dos seres humanos. A Bíblia diz que a verdade liberta, e não fica oculta, sempre será revelada, mesmo que demore. Nos dias de hoje, as igrejas derivadas da Reforma Protestante vivem e pregam a verdade, são livres para viver o verdadeiro amor de Cristo e fazer a verdadeira vontade de Deus. Graças a Martinho Lutero, foi possível fazer com que a sociedade europeia tivesse acesso ao conhecimento pelo estudo nas escolas e da palavra de Deus. Eu, como já fui estudante de colégio público, e atualmente universitária de uma faculdade pública, além de ser evangélica, achei de suma importância abordar sobre esse tema da Reforma Protestante e Martinho Lutero, pois se hoje nós temos a oportunidade de estudar livremente e sem nenhum custo, isso tem uma grande influência dele para essa conquista.

Pouco se é falado nas escolas, mas a Reforma Protestante foi um marco muito importante para o desenvolvimento do conhecimento em forma de ensino escolar, como é nos dias atuais em que vivemos. Antes desse acontecimento, a educação era baseada em artesanato, carpintaria, caça, pesca, agricultura e entre outros vários ofícios cotidianos em que não existia uma instituição e sim um mestre que passava a devida prática aos aprendizes. Os ensinamentos sobre a prática do trabalho eram necessários também, entretanto, para formar indivíduos pensantes era preciso estimular um aprendizado mais profundo e elaborado, como a leitura. A leitura é base para tudo, se uma pessoa sabe ler, ela pode conhecer sobre qualquer assunto. E era isso que a igreja católica não queria que acontecesse. Conhecimento é poder. Poder para revelar as verdades obscuras escondidas atrás das grandes potências de um governo.

A Igreja Católica ainda tentou reverter essa situação com a Contrarreforma e a Inquisição Romana em 1542, estabelecendo regras rígidas como forma de silenciar aqueles que não professavam o catolicismo e promovendo a perseguição aos hereges. Entretanto, o protestantismo já estava discriminado no meio do povo. Até hoje, nós vivemos resquícios dessa perseguição, mas agora é uma força equilibrada, pois a criação das igrejas evangélicas vem crescendo cada dia a mais e fortalece suas crenças nas bases dos princípios do luteranismo.

As igrejas evangélicas hoje são chamadas de igrejas protestantes porque viemos derivados da reforma protestante. Somos muito gratos ao Martinho Lutero por ter sido um grande homem destemido, corajoso e temente a Deus, pois, se não fosse por ele e por seus sucessores, nós provavelmente viveríamos à mercê do comando da Igreja Católica ainda hoje, sem poder nos posicionar ou opinar nas condutas erradas que eles têm até hoje.

Logo, sobre a questão institucional da educação, vemos explicitamente que Lutero foi um grande influenciador e revolucionário para o conceito de escolas que temos hoje em dia. Foi ele quem deu início a esse conceito de ensino para todos e gratuito, separando as etapas da aprendizagem em ensino fundamental, ensino médio e ensino superior. Depois da aparição do luteranismo, existiram outros colaboradores que aprimoraram o movimento para que a educação se tornasse o que é hoje: primordial e segura. Mesmo que haja muitos pontos para melhorar, a nossa educação pública tem grande força e papel na vida de muitas pessoas, pois notou-se que dessa forma conseguiríamos ter uma vida melhor financeiramente e oferecer uma qualidade de vida melhor para a nossa família.

Hoje, no século XXI, seria uma boa oportunidade de seguirmos os passos dos luteranos e reagir contra os abusos dos governos brasileiros que têm enganado a população todos os anos, de modo que deveríamos reivindicar nossos direitos, exigir a verdade e a transparência para combater

essa farsa que é a maioria dos políticos. Sabemos que é uma construção lenta, é como montar um lego, adicionando parte por parte, sendo cada uma crucial para se ter um final concreto e imbatível. Assim como esse grupo resistente mostrou que juntos eles são mais fortes e conseguiram reverter a situação difícil que acontecia em 1517, para que hoje nós, possamos desfrutar da liberdade e do direito, eu acredito que conseguimos também fazer um futuro melhor para os nossos descendentes, se começarmos hoje.

## CAPÍTULO 13 - RENÉ DESCARTES NA MODERNIDADE

*Gabriella de Oliveira Cabral dos Santos*

René Descartes, renomado filósofo, matemático e cientista do século XVII, deixou um legado duradouro em diversos campos do conhecimento, incluindo a filosofia da educação. Sua abordagem revolucionária reflete-se no método educacional que propôs. Descartes, nascido em 1596 na França, é frequentemente chamado de "pai da filosofia moderna". Seu método, notável nas "Meditações Metafísicas", é caracterizado pela dúvida metódica, um questionamento radical de todas as crenças para alcançar um conhecimento indubitável.

Esse método, inicialmente aplicado à filosofia, influenciou profundamente a educação, promovendo a busca crítica pela verdade. Em sua visão educacional, Descartes destacou a importância da razão e do pensamento lógico. Defendeu a instrução como um processo ordenado, baseado na análise rigorosa e na construção de conhecimento a partir de fundamentos sólidos. Dessa forma, sua ênfase na clareza e distinção como critérios de verdade influenciou a educação, promovendo a precisão e a meticulosidade no aprendizado. Esta análise sobre Descartes e seu método educacional revela a profundidade de suas contribuições, moldando não apenas a filosofia, mas também a forma como entendemos e praticamos a educação até os dias atuais.

Neste presente trabalho, será abordado as influências do pensamento cartesiano no campo educacional. Destaque a ênfase de Descartes na razão e na metodologia científica, analisando como esses princípios moldaram abordagens pedagógicas. Além disso, será discutido a importância da dúvida metódica de Descartes e como ela pode ser aplicada no contexto educacional para promover o pensamento crítico.

As "Meditações Metafísicas" de Descartes são uma série de seis meditações filosóficas que exploram questões fundamentais sobre a existência, a natureza da realidade e a relação entre mente e corpo. Descartes utiliza o método da dúvida metódica para questionar todas as crenças e, a partir desse ponto, busca estabelecer uma base sólida para o conhecimento. Ele chega à famosa conclusão "Cogito, ergo sum" ("Eu penso, logo existo"), fundamentando a certeza da existência através da atividade mental. Além disso, Descartes propõe a existência de Deus como garantia para a confiabilidade do conhecimento e explora a distinção entre a mente e o corpo, defendendo a dualidade mente-corpo. Essas meditações são fundamentais para a compreensão da filosofia cartesiana e têm impacto significativo na tradição filosófica subsequente (DESCARTES, 1974, p. 12-

15;18). O pensamento cartesiano exerceu influências significativas no campo educacional, moldando abordagens pedagógicas e filosofias de ensino. Algumas das principais influências incluem:

- **Ênfase na Razão e Método Científico:** Descartes valorizava a razão como guia para o conhecimento. Essa ênfase se reflete na promoção do pensamento crítico e na aplicação do método científico na investigação educacional, encorajando a busca por verdades fundamentadas e a análise cuidadosa.
- **Dúvida Metódica e Pensamento Crítico:** A abordagem de Descartes de questionar todas as crenças por meio da dúvida metódica influenciou a promoção do pensamento crítico na educação. Encoraja-se a análise cuidadosa e a questionamento constante para desenvolver uma compreensão mais profunda e fundamentada.
- **Centralidade do Indivíduo no Processo de Aprendizagem:** O foco em "Cogito, ergo sum" destaca a importância do indivíduo na construção do conhecimento. Isso influenciou abordagens educacionais centradas no aluno, reconhecendo a autonomia do aprendiz e adaptando métodos de ensino para atender às necessidades individuais.
- **Clareza e Distinção no Ensino:** Descartes valorizava a clareza e distinção como critérios de verdade. Essa influência se reflete em métodos de ensino que buscam comunicar informações de maneira precisa e acessível, incentivando a compreensão profunda dos conceitos.
- **Racionalismo na Educação:** O racionalismo cartesiano, que destaca a razão como fonte primária de conhecimento, influenciou a abordagem de ensino baseada na lógica e na argumentação racional. Isso pode ser observado em currículos que enfatizam disciplinas como a filosofia, matemática e ciências.
- **Dualidade Mente-Corpo na Educação:** A distinção entre mente e corpo proposta por Descartes impactou teorias educacionais, levando à consideração da dimensão psicológica e emocional do aprendizado, além dos aspectos físicos. Em suma, as influências do pensamento cartesiano na educação contribuíram para a formação de abordagens pedagógicas que valorizam a razão, o pensamento crítico e a autonomia do aprendiz, moldando, assim, a maneira como entendemos e praticamos a educação (DESCARTES, 1974, p. 53-54).

No entanto, a dependência de Descartes em Deus como garantia para a confiabilidade do conhecimento pode ser criticada como uma solução metafísica que não ressoa com todos os pensadores. Além disso, sua dualidade mente-corpo, embora influente, enfrentou desafios subsequentes, especialmente da filosofia da mente contemporânea. Apesar dessas críticas, as "Meditações Metafísicas" são essenciais para compreender a transição da filosofia medieval para a moderna. O método cartesiano influenciou profundamente a epistemologia e a busca pela verdade, deixando um impacto duradouro na filosofia (DESCARTES, 1974, p. 46-47).

Inclusive Descartes foi um defensor fervoroso da razão e da metodologia científica como fundamentos essenciais para o conhecimento confiável. Sua ênfase nesses princípios influenciou profundamente a filosofia e a abordagem científica. Acreditava na razão como fonte de conhecimento mais confiável. De modo que enfatizava a capacidade da mente humana de raciocinar e analisar, defendia que a verdade poderia ser descoberta através do pensamento lógico e da reflexão crítica. O método científico e dúvida metódica foi fundamental para o desenvolvimento do método científico, ao destacar a importância de observação, experimentação e análise rigorosa na busca pela verdade.

A clareza e distinção como critérios de verdade estabeleceu distinção entre os critérios para identificar verdades. Argumentava que uma ideia clara e distinta na mente é mais provável de ser verdadeira. Essa abordagem influenciou a busca por precisão e clareza na formulação de teorias científicas. Ademais a redução ao essencial na análise científica buscou verdades fundamentais através da dúvida metódica, Descartes encorajou a redução de problemas complexos a elementos mais simples. Isso inspirou a análise detalhada e a decomposição de questões complexas na metodologia científica (DESCARTES, 1974, p. 42).

Partindo disso, teve significativa contribuição à Geometria Analítica. Descartes uniu a álgebra à geometria, com a introdução da geometria analítica. Essa abordagem, baseada em coordenadas cartesianas, foi uma aplicação prática de seu método científico à matemática, com a integração da razão na resolução de problemas geométricos. A ênfase de Descartes na razão e na metodologia científica marcou um ponto de viragem na história do pensamento, proporcionando os alicerces para o método científico moderno e estabelecendo a primazia da razão na busca do conhecimento (DESCARTES, 1974, p. 51).

A dúvida metódica proposta por Descartes desempenha um papel crucial na busca pela verdade e na promoção do pensamento crítico. Sua importância reside na capacidade de questionar e analisar de forma rigorosa, levando a conclusões mais fundamentadas. Na educação, a aplicação da dúvida metódica pode promover o pensamento crítico de diversas maneiras como:

- **Questionamento Reflexivo:** A dúvida metódica incentiva os alunos a questionar suas próprias crenças e suposições, estimulando a reflexão sobre o que sabem e como chegaram a essas conclusões. Isso promove um entendimento mais profundo e consciente.
- **Análise de Perspectivas Divergentes:** Ao aplicar a dúvida metódica, os estudantes são encorajados a considerar perspectivas alternativas e a questionar preconceitos. Isso contribui para a promoção da tolerância, da empatia e da compreensão das complexidades de diferentes pontos de vista.
- **Resolução de Problemas Complexos:** A abordagem de Descartes destaca a importância de decompor problemas complexos em partes mais simples. Isso pode ser aplicado na educação para

ensinar os alunos a abordar desafios de maneira analítica, dividindo-os em elementos gerenciáveis para uma compreensão mais profunda.

- **Validação de Conhecimento:** A dúvida metódica ensina os alunos a validar suas próprias ideias por meio de critérios como clareza e distinção. Isso contribui para a promoção de pensamento crítico ao exigir evidências sólidas e lógica para sustentar afirmações.

- **Estímulo à Curiosidade e Investigação:** Ao questionar tudo, os estudantes desenvolvem uma mentalidade de busca por respostas. Isso alimenta a curiosidade natural e encoraja a busca ativa do conhecimento, fomentando a autonomia intelectual.

- **Prevenção de Conformidade Passiva:** A dúvida metódica desafia a aceitação passiva de informações. Na educação, isso evita que os alunos simplesmente memorizem dados, incentivando-os a questionar e compreender as bases do conhecimento. Portanto, ao incorporar a dúvida metódica na educação, os educadores podem cultivar um ambiente que nutre o pensamento crítico, capacitando os alunos a questionar, analisar e formar suas próprias conclusões fundamentadas. Isso não apenas fortalece suas habilidades intelectuais, mas também os prepara para enfrentar desafios complexos no mundo real (DECARTES, 1974, p. 39-44).

Nesse sentido, as "Meditações Metafísicas" de Descartes emergem como uma obra filosófica impactante que transcende sua época, continuando a influenciar o pensamento contemporâneo. Ao fundamentar seu método na dúvida metódica e estabelecer a certeza da existência com o famoso "Cogito, ergo sum," Descartes remodela a busca pelo conhecimento, introduzindo uma abordagem racionalista e científica. A dualidade mente-corpo, a dependência de Deus como garantia de verdade e a ênfase na clareza e distinção como critérios fundamentais são elementos que desafiam e inspiram, gerando debates e discussões ao longo dos séculos.

As "Meditações Metafísicas" não são apenas uma obra de filosofia, mas também um convite à reflexão profunda sobre a natureza da realidade, a validade do conhecimento e o papel da razão. Elas provocam uma reconsideração das bases do entendimento humano, estimulando o pensamento crítico e a busca incessante por verdades fundamentadas. Assim, Descartes deixa-nos um legado intelectual que transcende as fronteiras temporais, convidando-nos a explorar as fronteiras do conhecimento, a questionar nossas próprias certezas e a abraçar a racionalidade como guia na jornada para compreender o mundo e a nós mesmos. As "Meditações Metafísicas" permanecem não apenas como uma obra fundamental na história da filosofia, mas como uma fonte de inspiração para o pensamento crítico e a busca infundável por verdade e sabedoria.

## CAPÍTULO 14 - O PENSAMENTO ILUMINISTA

*Henrique do Prado e Souza*

Nesta discussão iremos abordar o movimento Iluminista e alguns dos efeitos que tal causou em nossa sociedade. Falarei sobre as ideologias principais, de algumas das mentes que caracterizaram o movimento, das consequências e das revoluções que a partir dele começaram, refletiremos sobre a recepção do movimento e fazer comparações entre um mundo pré e pós-Iluminista. Com este papel espero ressaltar a importância que esta reforma do pensamento teve sobre o desenvolvimento de nossa sociedade e como a rejeição dos antigas ideias propulsionou a humanidade a uma era de descobertas, superação e grandeza.

O **Iluminismo** foi um movimento de teor político e intelectual surgido na Europa com o principal objetivo de criticar o absolutismo dos monarcas e alto clero, valorizar a razão sobre a fé, e questionar a então atual falta de liberdade. Com a participação de grandes pensadores como Adam Smith, John Locke e Montesquieu, o pensamento iluminista buscava rejeitar toda a herança deixada pela era medieval, afirmando que nada positivo havia ocorrido naquela época, nomeando-a “A Idade das Trevas”. Eles questionavam as práticas mercantilistas do Antigo Regime, propondo o Liberalismo econômico como substituto; questionavam o Absolutismo, levantando a necessidade de limitar o poder da realeza, propondo um modelo de governo dividido em três poderes: o legislativo, o judiciário e o executivo; e defendiam o uso do raciocínio lógico e de conhecimentos científicos para combater as doutrinas religiosas que até então dominavam o senso comum.

Sua influência foi tão grande e abrangente que o século XVIII, período comumente associado com o começo do movimento, recebeu o nome de “Século das Luzes”, a partir da ideia de que os filósofos e pensadores da época estavam iluminando as mentes do século e as retirando da escuridão da ignorância que havia as dominado nos séculos anteriores. Foi por meio das reformas e novas ondas de pensamento iluministas que se combateu a então presente visão de mundo teocêntrica estabelecida por influência do cristianismo, e abriu-se espaço na sociedade para o racionalismo científico.

Esta “renovação” do atual modo de pensar levou civilizações ao redor do mundo à grandes momentos de transição e transformação, como a Revolução Francesa, a Revolução Haitiana e, como um exemplo mais próximo de nós, a Inconfidência Mineira. Os ideais iluministas também influenciaram na formação de nossa atual sociedade e nos valores que apreciamos, tais como a liberdade econômica, a liberdade de expressão, e o pensamento científico e racional, tornaram-se os

grandes pilares de nossas vidas pós-iluministas e continuam a definir a maneira a qual interagimos com as verdades ao nosso redor.

Podemos observar esta nova forma de pensar ao comparar o método pelo qual nos lidamos com a religião e o místico. Em um século passado, se um homem fosse morto por um raio, muitos rapidamente pensariam que isso foi uma punição de deus, que ele era um pecador e que teria pagado o preço de suas transgressões. Hoje em dia, diferentemente, uma mente astuta analisaria os detalhes ao redor da morte. Fariam perguntas como: “Estava chovendo?”; “Estava perto de algo que atraiu o raio?”; “Ele tinha alguma peça de metal em sua pessoa?”; etc... Estas linhas de pensamento mais fundadas em realidade e lógica são consequências diretas do movimento Iluminista e sua busca pela razão.

Em tempos antigos a igreja e a religião dominavam não só a fé o pensamento da população, mas também os círculos políticos e muitas vezes possuíam influências diretas sobre os reis e nobres das nações. Atualmente, ainda que presente em campanhas políticas e movimentos sociais, nossos líderes podem reger e guiar nossa nação sem serem forçados a se conformar com a “vontade de um Deus todo poderoso”, podendo focar seus esforços em algo que trará mudanças para além daqueles mais privilegiados.

Também é possível observar mudanças na forma de pensar se analisarmos a forma como a humanidade reage a vírus e doenças. Médicos e profissionais de eras anteriores associavam a dor, o mal-estar, a tosse e outros sintomas com sensações e sentimentos nem sempre empíricos, durante a peste negra, por exemplo, muitos médicos acreditavam que a doença se propagava pelo cheiro, pelo medo e pelas vestes que usavam, ignorando completamente o aspecto biológico da situação. Em 2020, a humanidade se deparou com uma crise tão grande quanto, a pandemia causada pelo vírus COVID. O estrago causado foi grande, mas, com relativa velocidade, doutores e pesquisadores foram capazes de identificar como a doença se espalhava, os melhores métodos para conter sua propagação, e incentivaram o uso de máscaras.

Sem o Iluminismo e os efeitos que causou em nossa sociedade, se ainda estivéssemos presos a forma rígida e ignorante de pensamento da “Idade das Trevas”, o que seria de nós? O que aconteceria com nossa capacidade de escolher nossos destinos? Como que confrontaríamos e nos adaptaríamos a crises políticas e sociais de alta escala? O que seria capaz de nos nomear como seres livres e pensantes? Perante a essas informações e, ao usar minha própria capacidade de refletir e observar, sinto confiança em afirmar que o Iluminismo foi um dos movimentos mais marcantes da história e que muitos dos valores considerados essenciais para a vida de um ser humano moderno surgiram graças a luz que os antigos pensadores nos proporcionaram.

Durante esta discussão, analisamos e discutimos sobre a origem e os objetivos do Iluminismo, mencionamos alguns dos valores que o movimento prezava, as repercussões e os movimentos nascidos a partir das propostas levantadas pelos pensadores, comentamos sobre as consequências do movimento em nossa atual sociedade, e fizemos comparações sobre atitudes e reações de uma sociedade pré-iluminista contra as atitudes e reações da sociedade pós-iluminista.

Podemos ainda, em uma futura discussão, comentar sobre as vidas, as ideias, e os pensamentos das diversas mentes envolvidos neste movimento, tópicos como o Liberalismo de John Locke, “O espírito das leis” de Montesquieu, e como Adam Smith veio a se tornar o “pai da economia”. Além de influente, o Iluminismo é um assunto denso e repleto de mistérios. Sendo assim, podemos nos aprofundar e explorar este tópico sabendo que sempre haverá algo novo para se descobrir.

## CAPÍTULO 15 - SUJEITO E OBJETO

*Thyago Soares Pena*

A relação Sujeito x Objeto é abordada no tema Epistemológico, que, a primeira questão é entender que o conhecimento não é algo que não é dotado de um ser para outro, ou algo que recebe como um envio de informações. Quando entendemos que existe uma nova concepção de conhecimento como relação, abrimos um entendimento de que há uma nova concepção baseada no sujeito do conhecimento e objeto do conhecimento.

Respectivamente, o sujeito do conhecimento está baseado na crítica da origem, formação e o modo de estabelecimento das relações com o contexto e a cultura, ou seja, as duas teorias, empiristas e racionalistas, dialogam com estes tipos de problemas no qual percebe que o conhecimento não é uma simples doação, ou seja, é uma relação onde há a existência de duas instâncias. Uma instância é o sujeito do conhecimento, o indivíduo humano, presente com a racionalidade. E, o exterior é o objeto do seu conhecimento. É possível pensar que o ser humano por vezes é o seu próprio objeto de seu conhecimento aos passos que existe a percepção de seu próprio corpo por conta dos seus sentidos, ou seja, uma forma empírica. Portanto, a relação de objeto e sujeito são concomitantes e moldam as relações do indivíduo.

Há um questionamento nesta discussão se é possível conhecer o objeto como de fato ele é, e existem diferentes correntes que se debruçam em comprovar ou criticar, ou seja, isso impacta em entender como a relação do sujeito-objeto é o primórdio do entendimento das relações de conhecimento: “representado pelo objeto (realidade), nem do polo abstrato, representado pelo sujeito (pensamento), concentrando-se no movimento entre estes polos, na relação entre a realidade e a consciência sobre ela.” (Abrantes, Angelo Antonio e Martins, Lígia Márcia, 2007).

Os impactos dessa revolução de conhecimento, vem com a ideia de diferentes tipos de âmbitos para adquirir conhecimento ou mesmo, ser uma condução de conhecimento que são:

1 – O **Empírico**, está na ideia que o ser humano se apodera gradativamente do conhecimento à medida que ele lida com sua realidade, ou seja, adquire através da experiência dos fatos. Não existe a reflexão pois ocorre espontaneamente de acordo com sua experiência vivida.

2 – O **Religioso ou Teológico**, quando não é experimentada pelo método científico e nesse contexto não existe preocupação com a verificação, pois as verdades são absolutas pela fé, que é capaz de explicar um processo que está somente ligado à crença. Os livros sagrados, lidam com a espiritualidade do homem como um conhecimento alcançado pela fé.

3 – O **Científico** surge da dúvida, de um problema que leva a busca da comprovação dos fatos. Este conhecimento é passível de verificação e investigação que usa métodos para sanar respostas através das leis comprobatórias que agem para a relação do sujeito para a realidade. Isso é explicado em como Isaac Newton buscou comprovar através da queda da maçã usando métodos para comprovar como essa maçã atingiu a terra ao cair, ocasionando na gravidade.

4 – O **Filosófico**, não é estático pois está em constante mudança, usa reflexões e críticas de forma racional, mas não há uma preocupação com a verificação. É um agente que está em atenção a realidade em sua volta, mas também se preocupa em entender as próprias realidades como os sentimentos e desejos.

5 – O **Artístico**, busca de alguma forma interpretar e fazer uma leitura do mundo exterior que, utiliza uma perspectiva emotiva e intuitiva sobre o objeto de leitura na qual irá se debruçar, e, como para Hessen (2000), este tipo de conhecimento não pode ser traduzido em outras formas de pensar ou mesmo explicado, onde para Albuquerque (2010) “enquanto o cientista busca a realidade, o artista trabalha com as possibilidades do real.”

6 – A **Tecnociência** é um conhecimento que estuda a aplicação da tecnologia e o processo de que a tecnologia ganha a centralidade, passando ao ponto de maior importância que a ciência, buscando mais métodos e descobrir mais da realidade. Em si, há uma divisão de ideias no entendimento de até que ponto é uma vantagem ou desvantagem o desenvolvimento das tecnologias, e como, o papel do homem está localizado nessa centralidade. A tecnociência representa a interação simbiótica entre ciência e tecnologia, desafiando a dicotomia tradicional entre ambas. Esta interconexão é manifestada dentro dos paradigmas científicos dominantes, sistemas de crenças e práticas que guiam a pesquisa em determinadas áreas. A tecnociência, ao desenvolver-se, pode questionar e até mesmo redefinir paradigmas existentes, enquanto os paradigmas estabelecem as bases para o avanço tecnocientífico. Esta relação dinâmica não apenas molda a evolução do conhecimento, mas também exerce impacto substancial nas esferas social e cultural, gerando desafios éticos e questões sociais pertinentes ao progresso científico e tecnológico.

Nesse contexto, a noção de paradigma é definida como uma programação mental que tem objetivo de controle sobre os comportamentos habituais, ou seja, praticamente todo comportamento humano onde determina que o paradigma é o sistema operacional do ser humano. É preciso entender que o paradigma em si se constitui como um conglomerado de crenças, ou seja, é importante perceber que elas são verdades que são aprendidas pelo indivíduo, ou seja, é o que determina a validade de um conhecimento. Portanto, os paradigmas são ideias inseridas na inocência do ser humano, que em exemplo, tem a ver com sua percepção da realidade e como o mundo exterior contribui para a formação do seu conhecimento. Aqui podemos pensar que, mesmo que um brasileiro

recém-nascido tivesse envolvimento para a formação do paradigma de uma sociedade brasileira, mas, sendo adotado por uma família sino-asiática, é impossível perceber que seu paradigma não mais é envolto pelas crenças brasileiras, mas sim as asiáticas.

Nisso, podemos perceber que está sempre ligado a visão de mundo que o indivíduo tem, e que, estas questões podem ser negativas ou não, de acordo com sua influência, como para Kuhn (1994) que percebe o quanto as noções de paradigma sofrem uma mudança de visão de acordo com as insatisfações. Seguindo a linha de raciocínio de Kuhn (1994) a ciência não está mais no que era antigamente, e que, as novas visões científicas trabalham e cooperam para gerar novas realidades dos fatos. Nessa discussão ele também identifica que a ciência não está totalmente comprometida no problema da verdade, pois quando uma teoria científica é aceita pela sociedade científica não significa que é verdadeira, mas que ela representa os interesses da sociedade (política, filosófica, econômica e etc.).

Os novos paradigmas que surgem decorrentes dos movimentos da ciência e da sociedade, não acontecem porque os cientistas estão preocupados em identificar de maneira espontânea e, da mesma forma podemos perceber no cenário da pandemia de Covid-19, que âmbitos da ciência sofrem uma potencialização dos interesses muito mais do que outras áreas, que ocorrem por uma demanda externa para atender determinados interesses. Nisso, percebemos que, com o estímulo externo há essa pressão de revolução científica, e isso, cria novos paradigmas ao passo que há um avanço no conhecimento.

Como o Conhecimento Filosófico está ligado a um tipo de conhecimento baseado na reflexão e construção de conceitos e ideias, derivado do uso do raciocínio lógico para encontrar o conhecimento. A curiosidade e a curiosidade intelectual geram a necessidade de desenvolver explicações lógicas e racionais baseadas na capacidade humana de refletir e criar conceitos e ideias. A principal preocupação do conhecimento filosófico é questionar certas questões e encontrar respostas razoáveis, mas não necessariamente provar certas coisas. Nesse sentido, esse modo de conhecimento pode ser dito crítico e especulativo.

Existem diversos tipos de conhecimentos filosóficos: o Sistemático que está calcada na reflexão orientada como alicerce para resolução das questões; o Elucidativo que procura entender a problemática, conceitos das situações de vivência do indivíduo que não são compreendidos cientificamente; o Crítico que acredita que as informações devem ser filtradas, pensadas e analisadas de forma minuciosa; e, por fim, o Especulativo que valoriza a hipótese e possibilidades na conclusão das questões.

O conhecimento científico é informação e conhecimento baseado na análise de fatos verdadeiros e comprovados cientificamente. E, deve ser baseado em observações e experimentos

para provar a verdade ou falsidade de uma determinada teoria. A razão deve estar ligada à lógica dos experimentos científicos, caso contrário o pensamento só se configurou como conhecimento filosófico. O conhecimento científico inclui informações sistematizadas que incluem uma teoria. Isso ocorre porque está organizado em uma ordem específica. A verificabilidade é um dos principais princípios do conhecimento científico. Qualquer teoria ou ideia deve poder ser verificada e comprovada pela ciência. Isso é para garantir que a ideia ou teoria seja considerada conhecimento científico. Novas evidências científicas e experimentos podem levar à substituição de uma determinada teoria ou ideia por uma alternativa falha. Isso significa que o conhecimento científico está sujeito a erros e não é confiável.

O conhecimento científico possui muitas qualidades únicas, como ser racional, objetivo, comunicável, acumulado comunitariamente, explicado comunitariamente, etc. Deve-se ao fato de que o conhecimento científico é metódico, comunicável, cumulativo, objetivo é explicado comunitariamente. Logo, o conhecimento científico compreende todas as experimentações, a fim de comprovar a veracidade e a validade de toda hipótese. Já o conhecimento filosófico tem seu caráter racional e lógico, mas não necessita de comprovação científica.

## **CAPÍTULO 16 - A LINHA TÊNUE ENTRE VIGILÂNCIA E LIBERDADE: UM ESTUDO FILOSÓFICO SOBRE O ESTADO DE NATUREZA E O CORPO SOCIAL**

*Julia Duarte Adler*

Desde as primeiras comunidades nômades até as sociedades mais complexas e interconectadas, é próprio do ser humano estabelecer um código de leis comum a todos os indivíduos integrantes. Esse conjunto de normas ditam regras que devem ser arduamente seguidas e internalizadas pela população e se desrespeitadas, uma punição pode ser aplicada a depender do grau da infração.

Para garantir que as leis que estipulou estejam sendo cumpridas, o Estado, detentor do poder, instaura agentes que são responsáveis por fiscalizar o comportamento dos cidadãos. A essa ação, damos o nome de vigilância. Norteado por três filósofos e diferentes perspectivas, esse estudo busca realizar uma análise acerca da natureza humana dentro de um contexto social e comunitário, testando os limites do ser humano e das regras que restringem eles. Além disso, o objetivo também tange entender a coação da vigilância sobre o indivíduo e até que ponto ela é justificável em nossa sociedade.

Na Idade Moderna que compreende os séculos XV até XVIII, questionamentos foram levantados acerca da natureza do ser humano. Estudiosos começaram a se questionar se o ser humano era mau, bom ou neutro. Dentro desse debate, duas teorias se destacaram. A primeira foi cunhada pelo filósofo Thomas Hobbes em que o homem, com sua natureza maligna e egoísta, estaria em constante conflito com os outros em busca da manutenção de seus desejos. Segundo seu livro “Leviatã”, publicado em 1651, “o homem é o lobo do homem, em guerra de todos contra todos”, sugerindo que ao ceder aos seus próprios desejos e instinto, este homem seria incapaz de viver harmonicamente em sociedade, pois estaria batalhando apenas em detrimento dos seus interesses e não do bem coletivo.

Por outro lado, o filósofo Jean Jacques Rousseau defende em seu livro “Do contrato social” (1762) que o ser humano nasce puro e bom, apenas sendo corrompido pela sociedade na qual se insere. Em contradição a Hobbes, ele acredita na inocência do ser humano e de certa forma, no mito do “bom selvagem” em que o homem seria incapaz de cometer atrocidades ao viver isolado dos demais. Ambos os filósofos defendem que para viver em harmonia, é necessária a existência de um

contrato social. Este contrato ou pacto propõe uma troca: o homem abdica parte da sua liberdade e se submete a regras em prol de uma proteção oferecida pelo Estado que é responsável por evitar esses conflitos entre as pessoas e representar a vontade do povo.

Tendo estabelecido esse contrato, é preciso que o Estado defina os órgãos que irão garantir que as regras estipuladas por ele estejam sendo cumpridas e seguidas. Em outras palavras, esses agentes são responsáveis pela ação de vigilância. Em seu livro “Vigiar e Punir” (1975), o filósofo francês Michel Foucault realiza uma pesquisa sobre este termo, relacionando-o ao seu outro conceito estudado: o panoptismo. O panoptismo é um modelo de vigilância em que os indivíduos são constantemente observados, mas não possuem conhecimento de quando ou se estão sendo observados. Inicialmente, o conceito foi idealizado em uma prisão, onde haveria uma torre central responsável por vigiar todas as celas e prisioneiros. Apesar disso, as características do aparelho panóptico ainda podem ser identificadas em diversos contextos atuais.

No contexto do século XXI, é possível traçar esse paralelo com o programa de televisão brasileiro, BBB (Big Brother Brasil). Inspirado no livro “1984” de George Orwell, o reality show retrata uma competição entre um grupo de pessoas que estão confinadas em uma casa e isoladas do mundo exterior. Em contrapartida, quem está do lado de fora tem acesso a qualquer ação realizada ou fala dita por um dos integrantes por uma transmissão que fica ao ar 24 horas por dia. Além disso, é dado a estes telespectadores, o direito de julgar cada participante e votar em quem será expulso da casa, perdendo a chance de concorrer ao prêmio final. Apesar dessa violenta e ininterrupta vigilância, a sociedade continua naturalizando esse controle social e se entretendo com esse tipo de conteúdo.

Dito isso, seria fácil compreender a vigilância como algo ruim e desumano, sendo necessário colocar um fim nessa padronização. Mas então o que aconteceria se não observássemos os outros e puníssemos aqueles que estivessem infringindo as regras? Para ajudar a responder tal pergunta, recorro a um experimento social realizado em 1974. A artista sérvia Marina Abramovic, na apresentação performática *Rhythm 0*, utilizou o próprio corpo numa performance que desafiava os limites físicos e psíquicos do ser humano. Ela se postou diante de uma mesa, sobre a qual havia 72 objetos, que poderiam ser usados nela da forma que o público desejasse, como se a própria artista fosse também um objeto pelo tempo de seis horas. Marina Abramovic assumiu a responsabilidade por qualquer coisa que pudesse acontecer a ela e ao seu corpo.

No início da performance, as pessoas ao seu redor agiram com cautela e assumiram atitudes pacíficas como se estivessem incrédulas com o fato de que não iriam ser punidas por qualquer ato cometido. Pela artista permanecer imóvel e sem qualquer reação, as pessoas foram se acomodando e suas atitudes começaram a ficar cada vez mais agressivas, cedendo aos instintos perversos e fora das normas socialmente construídas. Esse experimento foi capaz de comprovar a inclinação natural dos

seres humanos à violência quando os mesmos têm certeza da impunidade que lhes protege, recorrendo mais uma vez às reflexões propostas por Hobbes em 1651 sobre a natureza maldosa e impiedosa do ser humano em seu estado de natureza.

Apesar do desfecho desse experimento, encontrar um lugar que fuja do estado de vigilância é algo praticamente impossível de ocorrer nos dias atuais, devido à crescente globalização e digitalização. Nos tornamos uma sociedade em que o indivíduo tem o poder para exercer seus juízos de valor em cima de qualquer um, apenas com um clique e um simples comentário na internet e sobretudo em redes sociais. A torre panóptica de Foucault é então desconstruída e reestruturada. No centro estaria o indivíduo e ao seu redor, as pessoas e órgãos fiscalizadores que não cessam nem por um instante, sua vigilância. Dessa forma, não nos preocupamos apenas com o trabalho, a igreja, a escola, a família, a polícia, e sim com o olhar perfurante dos arredores que estão preparados para lhe expor em redes ou círculos sociais dos quais fazem parte.

Acredito que vivemos num período em que o ser, enquanto cidadão, só possui dois caminhos. Se você desrespeita as condutas sociais ou foge dos padrões pré-estabelecidos, é visto como uma pessoa ruim e nociva. Mas se você seguir as regras, estará sujeito a uma sociedade que molda o seu comportamento com base no que julga como certo ou errado. Este julgamento não necessariamente estaria certo, e sim funcionaria como um juízo de valor que aquele povo escolheu acreditar. Pense dessa forma, se a pessoa vive em um país em que existe uma regra que proíbe o casamento entre pessoas LGBT, então ao não se casar com alguém do mesmo gênero, ela estaria agindo de forma correta aos olhos de sua nação, mas também estaria violando os direitos fundamentais do ser humano. Segundo um levantamento realizado pela ILGA (Associação Internacional de Gays e Lésbicas), apenas 17% dos países membros da ONU reconhecem o casamento civil homoafetivo. Dessa forma, teríamos um choque de valores dentro desse indivíduo que se veria num embate entre regular o seu comportamento ou desrespeitar essa conduta. Qualquer que fosse a escolha, o vigilante provavelmente já saberia.

Se não há como fugir da vigilância e ela pode assumir tanto papéis bons, quanto ruins, é preciso que o indivíduo aprenda a lidar com ela. Mas qual lugar seria adequado? A resposta para isso pode ser um pouco controversa, mas por meio de uma breve análise, é possível repensar a dinâmica escolar. A escola é responsável pela formação de muitos cidadãos, porém mantém uma estreita relação com a vigilância. São múltiplas e diversas as formas para se vigiar alguém dentro de uma escola, o ambiente acadêmico é um local que está rodeado por agentes fiscalizadores, sejam as notórias câmeras e muros, até as próprias pessoas, como os inspetores, professores, guardas e inclusive, os próprios alunos. Durante toda sua trajetória, o estudante se depara com um espaço físico e social em que ele deve agir de acordo com as regras e padrões que seus colegas estabeleceram. Já

não falamos mais de uma proteção física idealizada por Hobbes e Rousseau, e sim de uma proteção social que se transforma no que hoje conhecemos por aceitação. Caso o estudante não se submeta a isso, ele é posto à margem desses círculos e se torna alvo de comentários maldosos feitos por pessoas mal-intencionadas e que se consideram juízes, seja num espaço físico ou midiático.

Nesse sentido, o papel da escola seria o de ensinar aos seus alunos os limites entre vigilância e liberdade de expressão, explicando-os a importância e o motivo de cada um. Assim como a vigilância é necessária, a liberdade e a privacidade também devem ser respeitadas. O filósofo John Locke comenta em sua obra “Segundo Tratado sobre o Governo Civil” (1690) que todos os indivíduos são naturalmente iguais e livres, possuindo os mesmos direitos e nenhuma autoridade acima do outro. Ao contrário de proteção, sua concepção de contrato social é embasada no bem comum em que o Estado é responsável por representar a vontade geral. Dessa forma, a vigilância se faz essencial quando é preciso respeitar os direitos do ser humano. A utilização de câmeras em espaços previstos pela Constituição Brasileira e o monitoramento realizado por inspetores e professores são necessários para evitar situações que desrespeitam a integridade do indivíduo, como agressões, *bullying*, preconceito, atos sexuais contra ou entre menores. Essas pessoas com más intenções geralmente se camuflam com a certeza de que não serão vistas e muito menos, punidas por se esconderem em locais sem câmeras ou no anonimato do espaço digital.

Diante das reflexões elaboradas, fica claro como a vigilância pode assumir diferentes papéis conforme a intensidade, a forma e o objetivo com que é executada. Pode-se concluir desta discussão que cada filósofo contratualista utilizado no decorrer do texto contribuiu com algum ponto crucial: Hobbes para explicar a natureza do ser humano que consegue ser cruel quando tem ciência de que não está sendo observado, Rousseau ao constatar que a sociedade é capaz de influenciar e corromper o ser humano, e Locke ao defender os direitos do ser humano, sobretudo a liberdade.

Tendo isso em vista, fui capaz de traçar um paralelo direto com a realidade atual e de vislumbrar como retratar o tema em sala de aula, auxiliando meus alunos num processo mental crítico e respeitoso. Desejo futuramente poder estender este assunto para o campo da Psicologia e da Sociologia para abordar outras perspectivas acerca desse tema tão relevante para nossa sociedade. Dominando o assunto e realizando esta etapa pedagógica, a criança e o adolescente saberão as normas sociais e a etiqueta necessária para cada contexto, porém não estarão alienados e sim, conscientes de que há uma vigilância por detrás que não deve nunca moldar o seu comportamento a bel-prazer. Entenderão que ela é necessária para evitar situações que violem os direitos humanos, mas que não deve extrapolar o limite do eu do indivíduo.

## CAPÍTULO 17 - FRIEDRICH NIETZSCHE ABRINDO O PENSAMENTO CONTEMPORÂNEO

*Jorge Antônio Tavares do Nascimento*

Entre os principais nomes da filosofia contemporânea, destaca-se o de Friedrich Nietzsche, que foi responsável por uma vasta e polêmica obra dentro e fora da Alemanha, o seu país de origem. O filósofo em questão teve como base fundamental os princípios luteranos e, ao longo de sua formação, dedicou-se a estudos de teologia e filosofia, sendo esta última, a sua principal formação no meio acadêmico. A sua obra, iniciada no final do século XIX, é considerada por muitos estudiosos como sendo um dos primeiros indícios da filosofia contemporânea. Desse modo, o presente ensaio tem como objetivo principal abordar parte da história e dos estudos (correntes filosóficas), desse filósofo que é considerado um dos principais entusiastas da filosofia moderna.

Por conta de sua carreira brilhante na universidade, Nietzsche foi nomeado professor de filosofia clássica da Universidade da Basileia, na Suíça. Em 1871, lança seu primeiro livro, intitulado “O nascimento da tragédia”, onde ele analisou a vida e a cultura dos gregos a partir das tragédias geradas naquele período. É também nesse trabalho que o autor aponta suas primeiras reflexões sobre religião, na época, a obra causou bastante polêmica, principalmente pelo seu caráter pessoal e também pela ousadia de sua abordagem. A base para a produção dessa obra foram as pesquisas no campo filológico, principalmente com influências dos estudos do filósofo Arthur Schopenhauer e do músico alemão Richard Wagner.

A moral acerca das relações em sociedade e das religiões propagadas pelo ser humano, foram temas constantes dentro de seus estudos e trabalhos. Ao abordar o contraste entre verdade e mentira, Nietzsche destaca que:

O mentiroso usa as designações válidas, as palavras, para fazer parecer o não-afetivo como efetivo; ele diz, por exemplo: “sou rico”, quando para seu estado seria precisamente “pobre” a designação correta. Ele faz mau uso das firmes convenções por meio de trocas arbitrárias ou mesmo inversões dos nomes. Se ele o faz de maneira egoísta e de resto prejudicial, a sociedade não confiará mais nele e com isso o excluirá de si (NIETZSCHE, 1873, pág. 54).

Desse modo, Nietzsche afirma que para o ser humano, o que mais desperta sentimento de indignação e até mesmo ódio, não é de fato a ilusão (a mentira em si), mas sim as consequências nocivas e hostis de certas espécies de ilusões que são propagadas com as mais diferentes finalidades. Seu grande estudo acerca da moralidade foi o livro “Além do bem e do mal”, considerado um dos

mais importantes e abrangentes de sua carreira, onde o filósofo critica todas as conquistas da humanidade (verdade, filosofia, moral, ciência, democracia, igualdade). A partir dessa obra, Nietzsche passou a ser bastante julgado pela sociedade da época, que não recebeu muito bem as suas reflexões e afirmações.

Contrariando os pensamentos de Immanuel Kant, Nietzsche transforma sua opinião em protesto contra a fundamentação da moral dada por Kant, um dos principais pensadores do iluminismo, que desenvolveu trabalhos importantes sobre epistemologia, metafísica e ética, o tornando uma figura influente dentro da filosofia moderna. Dessa forma, contrapondo-se à Crítica da Razão Pura de Kant, Nietzsche tentou superar o racionalismo e o empirismo. Nessa obra, Kant aborda sobre a teoria do conhecimento, como conhecemos o mundo para buscar o equilíbrio entre o empirismo e racionalismo.

Friedrich Nietzsche, também é o autor da frase "Deus está morto" como uma verdade eterna, como um ser que controla e conduz o mundo, como um pai bondoso que justifica os acontecimentos, como sentido último da existência e, enfim, como uma ética e como um modo de vida, independentemente da sua existência ou não. O mesmo não estava simplesmente interessado em negar as crenças tradicionais baseadas em valores tradicionais, ele trazia uma nova filosofia em busca de novas formas de valores. A questão não é se Deus existe ou não, isso não traz o problema para o campo da ética. A crença em Deus, ou não crença, não implica em nossa sobrevivência. Por tanto, temos a felicidade de conduzir a nossa vida, esse era o pensamento de Nietzsche.

Para ele, a responsabilidade de desmilitarizar as verdades falsas que diziam como viver da melhor maneira, era apenas do ser humano. Quando se diz que "Deus está morto", é pelo fato de que as pessoas continuam achando que ele continua vivo, agindo da mesma forma e acreditando em uma falsa morte. Nietzsche diz para seguir outro modo de vida, é preciso morrer dessa vida vazia, vida sem valor e que não favorece o pensamento de outra pessoa. Logo, para ele, a morte de Deus é necessária, mas não suficiente para criação de valores e nem de criação de outro mundo.

A mensagem que o filósofo quer passar é um ponto de criação de valores e não para exterminar a moral. Qual modo de vida que traz para o ser humano, uma moral de rebanho, uma moral de tristeza e uma moral da impotência? Aquela que ele criticava. Ou seja, Nietzsche buscava mostrar que é possível criar novos valores, sem precisar estar alienado em uma determinada religião. Para entender os pensamentos do filósofo em questão, alguns temas centrais surgem como norteadores e devem ser considerados em uma cronologia importante que divide seus trabalhos em três grandes momentos: Juventude, período intermediário e maturidade. Na obra que abarca o período de juventude, o filósofo encontrava-se sob forte influência da filosofia de Schopenhauer e da

música de Wagner. Foi nesse período que ele buscou debruçar-se sobre os estudos das tragédias gregas.

No período conhecido como intermediário, as principais influências partiram da política bismarckista, momento da unificação alemã. Nietzsche acreditava que somente a cultura era capaz de garantir o desenvolvimento humano. Ou seja, para ele, tal desenvolvimento não seria alcançado através de um Estado ou guerra. Já no período de maturidade, iniciam-se as “investigações” acerca da moral, e é nesse período que intensificam-se as críticas a moral judaico-cristã. Que foi duramente criticada pelo filósofo. É também no período de maturidade que Nietzsche vai incorporar o conceito de niilismo e atribuir um outro significado ao mesmo. Caracterizando-o como algo prejudicial para o ser humano, mesmo ele assumindo que é algo que está presente em todas as pessoas.

A partir do que foi exposto ao longo do trabalho, foi possível perceber o quão rica e vasta é a obra de Friedrich Nietzsche. Através de seus livros e estudos, o filósofo trouxe para debates, ao longo de sua trajetória, temas importantes que envolvem a moral, a religião, a sociedade e o ser humano. Contribuindo, dessa forma, não só para a filosofia contemporânea, mas também para outras ciências (sociologia, antropologia, história e geografia). Desse modo, torna-se importante salientar como os seus estudos foram importantes para proporcionar novas visões de mundo e, como eles ainda podem ajudar a debater questões atuais de nossa sociedade.

## CAPÍTULO 18 – O EXISTENCIALISMO NA CONTEMPORANEIDADE

Giovanna Vanelis Bernardino

Pode-se entender o existencialismo como uma corrente filosófica que emergiu em meados do século XIX, com base nas ideias do filósofo dinamarquês Soren Kierkegaard (1813-1855). O auge dessa corrente ocorreu no século seguinte (XX), na década de 50, logo após a publicação dos trabalhos de Jean Paul Sartre (1905-1980) e de Martin Heidegger (1889-1976).

Para introduzir os conceitos da filosofia existencialista, é possível dizer que a centralidade encontra-se na existência humana, como o próprio nome sugere. Os filósofos do existencialismo dizem que o homem existe independentemente, sem necessidade de definições externas, sendo sua própria existência o suficiente para constituir sua totalidade. Ao falar sobre as essências individuais, construídas durante a vivência de cada um, a liberdade de escolha desempenha um papel crucial na formação das mesmas, sendo considerada pelos existencialistas como um fenômeno que é de exclusiva e total responsabilidade do ser humano, seja para o sucesso ou para o fracasso.

Além disso, para eles, a vida e a existência são percebidas como algo de extrema importância para o acúmulo gradual de conhecimento. Desse modo, os indivíduos moldam seus próprios destinos e concepções de vida ao longo de suas trajetórias. No entanto, essa incessante busca os impede que compreendam plenamente o propósito de suas existências e dos acontecimentos em sua volta. A ausência de respostas, por sua vez, resulta no que os filósofos definem como angústia existencial.

Essa vertente da filosofia tem seus principais filósofos. São eles: Soren Kierkegaard (conhecido como pai do existencialismo e representante do existencialismo cristão), Martin Heidegger, Jean Paul Sartre (representante do existencialismo ateu), Albert Camus (1913-1960), Karl Jaspers (1883-1969) e Simone de Beauvoir (1908-1986).

Neste trabalho, serão apresentadas algumas ideias de Jean Paul Sartre, filósofo que, a partir da publicação de seus trabalhos, fez surgir uma notoriedade voltada a esse ramo da filosofia. Também serão comentados pensamentos de Simone de Beauvoir, filósofa francesa e precursora do feminismo no mundo, e formas de aplicar os conceitos existencialistas na vida.

A princípio, Jean Paul Sartre critica as tendências filosóficas que visam entender uma suposta essência humana, algo pré-definido antes do nascimento do homem. Como ele mesmo dizia, “*A existência precede a essência*” (1970, p. 4). O que se pode interpretar dessa frase é que tudo o que podemos falar sobre um ser humano só poderá ser dito após ele existir, já que, de acordo com Sartre,

primeiramente o homem existe, se encontra e surge no mundo, só após isso ele se define. Ademais, Sartre defende a existência de dois tipos diferentes ser; o ser-em-si e o ser-para-si. O ser-em-si é o ser das coisas materiais; aquilo que é o que é, que tem uma identidade fixa e pronta de si. Seu sentido encerra-se em si mesmo, uma vez que o ser-em-si é algo sem consciência da liberdade, autodeterminado como definido, pronto e encerrado. Dessa forma, ele acaba sendo oposto ao conceito de existência.

Distinto do ser explicado anteriormente, o ser-para-si é consciente. Ele não tem uma pré-definição criada; é vazio e livre, obrigado a fazer escolhas próprias para definir sua essência e seu propósito no mundo. Enquanto o ser-em-si é completo nele mesmo, o ser-para-si é indeterminado e de identidade flexível, tendo compreensão sobre as transformações que ocorrem no mundo e reconhecendo-se como um vir-a-ser (capaz de criar a própria mudança). Assim que se entende que não há uma pré-definição para os seres humanos, dado que ao longo da vida procuram preencher o vazio causado pela falta da essência, pode-se entrar, também, no âmbito do feminismo. Por essa razão, é seriamente válido dizer que a ideia de que as mulheres nasceram para serem mães, donas de casa e servirem ao marido é pura construção social.

Como disse Simone de Beauvoir, *“Ninguém nasce mulher: torna-se mulher”* (1949, p. 9). Desde sempre, as mulheres são alvo de estereótipos de gênero; são julgadas, na maioria das vezes, como submissas, frágeis, indefesas, dramáticas, etc. Sobre os conceitos de feminilidade que a sociedade impõe continuamente, é certo dizer que eles são apenas invenções que vêm sendo reforçadas desde a infância, criando uma ilusão de que seja algo da natureza feminina.

Quanto à frase de Beauvoir citada acima, o que é argumentado é que as mulheres não nascem com uma essência estabelecida, elas tornam-se o que são de acordo com a maneira que são criadas, educadas e com base nas suas escolhas. Beauvoir diz que a mulher foi criada historicamente como subordinada e submissa ao homem; que a sociedade instrui as mulheres para satisfazerem as vontades dos homens e existirem em função deles. A partir dessa criação, elas tendiam a procurar validação externa por não enxergarem o próprio valor. Outro aspecto pontuado por Simone é que, historicamente, as mulheres tiveram muito menos direitos do que os homens, o que resultou em uma baixa influência pública.

Voltando a falar sobre Sartre, será comentada a questão da liberdade incondicional. Ele argumenta que o homem está condenado a ser livre: *“Condenado porque não se criou a si próprio; e, no entanto, livre, porque uma vez lançado ao mundo, é responsável por tudo quanto fizer”* (1970, p. 9). O que se entende disso é que os humanos terão que lidar com a liberdade e com a responsabilidade de suas atitudes para o resto de suas existências. Devido ao peso que a responsabilidade e liberdade de escolha têm, é resultado a angústia existencial. Essa angústia surge a partir do momento em que o

indivíduo percebe que é o único e que tem poder de escolha em sua vida, que só ele mesmo pode fazer seu destino, não podendo responsabilizar nenhuma outra pessoa pelas decisões que tomou. Mas, por mais que os momentos de angústia pareçam, de primeira vista, desagradáveis, eles são necessários para o autoconhecimento, pois é com eles que os seres são colocados diante à questão fundamental da própria existência.

Apesar disso, muitos optam por negar a responsabilidade e a direcionam a outro alguém, à sociedade, a alguma herança biológica, à astrologia, entre outros. Mas, para Sartre, não existem desculpas. Segundo ele, isso é agir de má-fé. Portanto, não assumir as próprias atitudes e as consequências das mesmas é tentar enganar a si mesmo e mascarar a angústia que o persegue. Conforme os existencialistas, viver desse modo é viver uma vida inautêntica. Em razão das diversas maneiras que o sentimento angustiante aparece na vida, é preciso saber lidar com ele, já que isso atormenta os indivíduos pelo resto de suas vivências. Se não encarado, pode evoluir para uma neurose, bloqueando o fluxo da vida e gerando uma sensação de impedimento e estagnação. Isso tudo é inevitável, visto que o simples fato de existir no mundo, de se deparar com perspectivas diferentes e se relacionar e conviver com pessoas que entendem a vida de forma distinta gera uma certa angústia, tanto por desejar que os outros se encaixem em seus moldes, tanto por querer evitar a se ajustar nos moldes dessas pessoas.

Agora, indo para o assunto que diz respeito à minha própria opinião, eu acredito que o existencialismo seja uma das correntes filosóficas mais importantes, pelo motivo de ele seguir um pensamento onde a principal preocupação é a liberdade, a responsabilidade, o significado e o propósito da vida; as principais questões da existência humana. Além disso, na filosofia existencialista, os filósofos não acreditam que há algum sentido pré-definido para a vida. A partir dessa ideia, compete a cada ser humano procurar e definir um propósito para a própria existência, assumindo a responsabilidade pelo modo que usa sua liberdade individual determinar. Entendendo esses conceitos, podemos aplicá-lo nas nossas vidas simplesmente nos reconhecendo como responsáveis pelas nossas próprias atitudes, bem como entendendo as consequências que tal atitude pode proporcionar e assumindo os erros que cometemos. Vale também lembrar que temos liberdade para fazermos o que quisermos, em razão de não existir apenas uma única forma de se viver, contanto que haja o respeito com a própria individualidade e a do próximo. Uma maneira de respeitar a nossa individualidade é desvinculando-nos dos moldes de outrem.

Então, dê valor a você mesmo, à sua própria identidade. Respeite a si mesmo e o próximo, não tente impor a ele algum pensamento que, de acordo com o que você acha, é certo; os aceite do jeito que eles são, pois ninguém tem o direito de moldar a vida do outro. Cada um vive da forma que deseja, quer você ache correto ou não. Como visto anteriormente, peso da responsabilidade e da

liberdade causa a chamada angústia existencial. Isso é algo que todo ser humano tem que lidar até o fim de sua existência. Ultimamente, venho sentindo essa agonia de forma frequente, acredito que seja por eu estar começando a vida adulta agora, me preparando para ser mais independente.

Constantemente sinto um pouco de medo do futuro e sensações de incerteza sobre a tomada de algumas decisões, se devo fazer algo ou não. Lembro que comecei a contemplar sobre o sentido da vida com mais ou menos 9 anos, onde eu achava incrível e ao mesmo tempo estranho o fato de viver. Logo comecei a pensar no fim da vida e fui conversar com minha mãe. Durante a conversa, minha mãe me disse que era normal começar a ter esse tipo de reflexão e que com o passar do tempo você só acostuma. Bom, o tempo passou e até que me acostumei um pouco, mas ultimamente estão surgindo algumas crises existenciais que acabam me deixando mais angustiada do que o normal, chegando a serem consideravelmente mais difíceis de lidar.

Resumidamente, a filosofia existencialista, apresentada neste trabalho de modo centrado nas ideias de Jean Paul Sartre e Simone de Beauvoir, indica uma perspectiva filosófica que tem como foco de suas reflexões a existência humana. No existencialismo, existe a ênfase sobre a liberdade de escolha, sendo ela um elemento indispensável para a construção das essências individuais.

Durante este trabalho, foi comentado sobre as percepções de Sartre quanto à existência de dois tipos de seres; o ser-em-si e o ser-para-si, dando destaque à natureza consciente e indeterminada dos humanos. Com base nessas percepções, foi introduzido o assunto do feminismo, onde Simone de Beauvoir argumenta que não se nasce mulher, se torna mulher. Quanto ao tópico da liberdade individual, que se associa à responsabilidade, foi explicado que os seres humanos estão condenados a ela para o resto da vida, sendo sempre colocados em uma condição de escolha e autenticidade. Surge, a partir disso, a angústia existencial, entendida como algo inevitável que faz parte do processo de autoconhecimento e da compreensão da existência. Foi dito, também, que a negação da responsabilidade caracteriza-se como má-fé, contrariando a ideia do existencialismo, que defende a importância de se levar a vida autenticamente.

Em seguimento, foram abordadas algumas formas de por em prática no cotidiano os princípios existencialistas. Dessa maneira, vem a necessidade de se reconhecer como o único que tem responsabilidade sobre seus atos e escolhas, respeitar a individualidade própria, aceitar as diversas formas de se viver e assumir a culpa dos próprios erros. Ainda assim, a angústia existencial não deixa de se fazer presente. É explicado que ela vem a partir das incertezas sobre o futuro, das dúvidas e das crises existenciais que as pessoas vivenciam. Depois, no relato pessoal, foi destacado que as angústias se intensificaram na transição para a vida adulta. Nesse relato, foi falado sobre a preocupação com a tomada de decisões, sobre o sentido e propósito da própria vida e, também, quanto ao fim da mesma.

Para finalizar, o existencialismo pode ser percebido não apenas como uma corrente filosófica, mas também como uma contínua reflexão sobre a própria existência, a aceitação da responsabilidade individual e a constante busca pelos propósitos da vida nesse mundo, não deixando de lidar com as incertezas e consequências das próprias escolhas e decisões.

## CAPÍTULO 19 - O EXISTENCIALISMO: REFLEXÕES SARTREANAS E BEAUVOIRIANAS SOBRE A CONDIÇÃO HUMANA

*Sabrina dos Santos Mota*

Você já se questionou sobre o sentido da vida? Sobre a liberdade de escolha e a responsabilidade que isso acarreta? Nesta resenha, exploraremos o existencialismo, corrente filosófica que floresceu no século XX, propõe uma abordagem profunda e desafiadora sobre a existência humana. A partir de agora, veremos o existencialismo sob a perspectiva de dois renomados filósofos, Jean-Paul Sartre e Simone de Beauvoir. Imagine-se mergulhando em um mundo filosófico profundo e intrigante, onde as questões existenciais e a liberdade individual são discutidas.

O Existencialismo é uma corrente filosófica e movimento intelectual que surgiu em meados do século XIX na França, ganhando força no século XX, a partir das ideias do filósofo dinamarquês Soren Kierkegaard. O apogeu do Existencialismo aconteceu na década de 1950, também na França, com a publicação dos trabalhos de Heidegger e Sartre, cada um trazendo suas próprias perspectivas sobre a existência humana e sua relação com o mundo.

Simone de Beauvoir, filósofa e escritora francesa, também foi uma figura fundamental na difusão do Existencialismo, trazendo uma perspectiva feminista e questionando as normas e expectativas impostas às mulheres. Ela estudou filosofia na Sorbonne, onde conheceu Jean-Paul Sartre, com quem estabeleceu uma relação intelectual e amorosa duradoura. Juntos, Sartre e Beauvoir se tornaram referências do Existencialismo e desenvolveram uma parceria intelectual única. Agora vamos explorar mais as ideias e conhecer algumas obras desses dois renomados filósofos!

Jean-Paul Sartre, em sua obra "O Ser e o Nada", explora a liberdade como uma característica essencial do ser humano. Para Sartre, somos condenados à liberdade e, portanto, somos responsáveis por dar sentido às nossas vidas. Ele argumenta que a angústia e a ansiedade que acompanham essa liberdade são inerentes à condição humana, e devemos enfrentá-las para alcançar a autenticidade. Alguns dos principais conceitos de sua Filosofia são:

- **Liberdade e responsabilidade:** Sartre defende que os seres humanos são essencialmente livres e responsáveis por suas ações. Ele argumenta que a existência precede a essência, ou seja, não há uma

natureza humana pré-determinada, mas sim a liberdade de criar a própria essência através de escolhas e ações. Essa ideia é expressa em sua frase famosa: "A existência precede a essência".

- **Náusea e angústia existencial:** Sartre descreve a experiência da angústia existencial e da náusea como sentimentos despertados pela consciência da liberdade radical e da responsabilidade individual. Ele explora esses sentimentos em sua obra "A Náusea", onde o protagonista confronta a falta de sentido e a estranheza do mundo.

- **A má-fé:** Sartre discute o conceito de má-fé, que ocorre quando as pessoas se enganam e negam sua própria liberdade, buscando refúgio em papéis sociais e normas pré-estabelecidas. Ele argumenta que a má-fé é uma forma de evasão da responsabilidade e da autenticidade.

- **O conceito de "Ser-para-os-outros":** Sartre destaca a importância do olhar do outro na construção da identidade e na experiência de ser humano. Ele argumenta que o olhar do outro pode nos aprisionar em expectativas e normas sociais, limitando nossa liberdade e autenticidade.

Simone de Beauvoir, em sua obra "O Segundo Sexo", amplia a discussão existencialista ao analisar a condição feminina. Ela argumenta que as mulheres foram historicamente oprimidas e limitadas em sua liberdade, devido a estruturas patriarcais e estereótipos de gênero. Beauvoir destaca a necessidade de as mulheres se libertarem dessas restrições, assumindo a responsabilidade por suas vidas e lutando pela igualdade de gênero. Ela enfatiza a importância de as mulheres se tornarem sujeitos autônomos e transcenderem os papéis sociais impostos a elas. Ela também desenvolveu alguns conceitos próprios, tais como:

- **A ambiguidade da existência feminina:** Beauvoir critica a visão tradicional da mulher como um "Outro" em relação ao homem. Ela argumenta que as mulheres são frequentemente condicionadas a desempenhar papéis predefinidos na sociedade, limitando sua liberdade e autenticidade.

- **A construção social do gênero:** Beauvoir destaca a importância da construção social do gênero e questiona as normas e expectativas impostas às mulheres. Ela argumenta que a identidade feminina não é uma essência fixa, mas sim uma construção social e histórica.

- **A ética da liberdade:** Assim como Sartre, Beauvoir enfatiza a importância da liberdade e da responsabilidade individual. Ela argumenta que as pessoas devem assumir a responsabilidade por suas ações e buscar a liberdade em uma sociedade que muitas vezes limita suas escolhas.

- **O conceito de "Outra" e "Mauvais foi":** Beauvoir discute o conceito de "Outra" como uma forma de opressão e explora a ideia de que as mulheres são frequentemente consideradas como "inferiores" ou "Outras" em relação aos homens. Ela também discute o conceito de "Mauvais foi" (má-fé) como uma forma de autonegação e negação da própria liberdade.

Ao comparar as visões de Sartre e Beauvoir, percebemos que ambos destacam a importância da liberdade e da responsabilidade individual. No entanto, suas abordagens são diferentes. Sartre

ênfatisa a liberdade como uma condição irremediável, enquanto Beauvoir destaca a necessidade de superar as limitações impostas pelo contexto social. Ambos os filósofos nos desafiam a enfrentar as consequências de nossas escolhas e ações, e a buscar a autenticidade e a realização pessoal. Ao longo de suas obras, Sartre e Beauvoir nos convidam a refletir sobre a importância de assumir a responsabilidade por nossas vidas e ações. Eles nos alertam para a tentação de buscar refúgio em desculpas ou em sistemas de crenças pré-estabelecidos, que podem nos privar da autenticidade e da verdadeira liberdade. Através de exemplos concretos e análises profundas, eles nos desafiam a confrontar o absurdo da existência e a encarar a angústia que acompanha a responsabilidade de sermos livres.

A partir de agora, farei uma **descrição pessoal**. O Existencialismo é uma corrente filosófica de extrema relevância, pois nos convida a refletir sobre a nossa própria existência e a assumir a responsabilidade por nossas escolhas. O que mais me interessa nessa abordagem é a ênfase na liberdade individual e na necessidade de autenticidade. Acredito que a teoria existencialista possa ser aplicada em diversas áreas, como psicologia, ética, literatura e até mesmo na análise de filmes e séries.

Ao assistir o filme "Clube da Luta", por exemplo, pude fazer uma comparação com as ideias de Sartre. O protagonista, ao se libertar das amarras sociais e assumir sua verdadeira identidade, encontra um sentido para sua vida. E em umas das minhas séries favoritas, "The Good Place", explora dilemas éticos e morais ressaltando a importância das escolhas e suas consequências, o que se alinha com os conceitos existencialistas de liberdade e responsabilidade. Essa busca pela autenticidade e pela liberdade também pode ser relacionada à minha própria experiência, quando decidi seguir minha paixão (estudar letras) e abandonar uma carreira estável, mas infeliz, que era o meu antigo trabalho, em uma empresa considerável.

Uma das razões pelas quais o Existencialismo me interessou tanto é sua aplicabilidade em diversas áreas da vida. A teoria pode ser utilizada para compreender questões éticas, políticas e sociais. Por exemplo, ao refletir sobre a liberdade individual e a responsabilidade, podemos analisar as consequências de nossas ações em relação ao coletivo e como devemos agir de forma ética em sociedade. Comparando com conteúdos de outras disciplinas, o Existencialismo pode dialogar com a psicologia, a sociologia e a filosofia da mente. Ao estudar o comportamento humano e as interações sociais, podemos utilizar a perspectiva existencialista para compreender como as escolhas individuais afetam a sociedade e como a sociedade influencia as escolhas individuais.

Ao longo deste trabalho, exploramos o existencialismo sob a visão de Sartre e Beauvoir, refletindo sobre a existência humana, a liberdade e a autenticidade. Essa corrente filosófica nos

convida a questionar o sentido da vida e a assumir a responsabilidade por nossas escolhas, buscando uma existência autêntica e plena de significado.

No entanto, seria interessante realizar um estudo comparativo com outras correntes filosóficas, como o niilismo e o absurdismo, a fim de ampliar nossa compreensão sobre a existência humana. Para pesquisas futuras, sugiro investigar a aplicação do existencialismo em áreas específicas, como a psicoterapia existencial, a educação e a política. Também, explorar as contribuições de outros filósofos existencialistas, como Albert Camus e Martin Heidegger, poderia enriquecer ainda mais o estudo sobre essa corrente filosófica. Em suma, o existencialismo nos convida a refletir sobre nossa própria existência, a liberdade de escolha e a busca por uma vida autêntica. Ao mergulhar nas obras de Sartre e Beauvoir, somos desafiados a repensar nossas convicções e a assumir a responsabilidade por nossas ações, em busca de um sentido que seja verdadeiramente nosso.

## CAPÍTULO 20 - RELAÇÕES DE PODER EM FOUCAULT

Robson Pinheiro Martins

Michel Foucault foi um filósofo e teórico social francês, do século XX, que dedicou grande parte de seu trabalho à análise das relações de poder, desenvolvendo conceitos que influenciaram significativamente a teoria social e os estudos culturais. Em sua abordagem, considerada multidisciplinar pela capacidade de atravessar e dialogar com diversas disciplinas acadêmicas (filosofia, sociologia, história, psicologia, ciência política e estudos culturais), Foucault questionou as noções tradicionais de poder, destacando que o poder é algo que se exerce e que circula nas relações sociais. Sua abordagem influenciou inclusive a educação, onde suas ideias são aplicadas para analisar e repensar as práticas pedagógicas.

A sua análise sobre as relações de poder revela como as instituições educacionais operam como instrumentos de controle e normalização. No contexto educacional, as obras de Foucault questionam a autoridade do professor, os métodos de avaliação, e a própria natureza do conhecimento transmitido, possibilitando que educadores repensem práticas que perpetuam relações de poder assimétricas na sala de aula.

Este texto pretende explorar alguns dos conceitos utilizados por Foucault e como suas ideias podem ser aplicadas na educação. Busca-se compreender como a teoria foucaultiana pode enriquecer a prática pedagógica, incentivando ambientes de aprendizagem mais democráticos, a formação de sujeitos autônomos, críticos e conscientes das dinâmicas de poder que permeiam o processo educacional.

Pretende-se, a partir da atuação pregressa de seu autor em um curso preparatório voltado para jovens moradores de uma favela do Rio de Janeiro, explorar os conceitos estabelecidos e trabalhados por Foucault, vinculando-os com possibilidades de desenvolvimento e utilização de metodologias de ensino que priorizem relações horizontais em sala de aula e favoreçam, dessa maneira o ensino e aprendizagem dos conteúdos da matemática.

Dentre as muitas categorias conceituais exploradas por Michel Foucault em sua abordagem sobre relações de poder, o conceito de *microfísica do poder* talvez seja o que mais possibilite a compreensão de poder trabalhada pelo filósofo. Ao examinar o poder em nível microscópico, através da forma como ele se manifesta nas instituições, nas interações cotidianas e nas relações sociais mais íntimas, Foucault analisou como as normas sociais, os discursos e as práticas disciplinares

conformam o comportamento individual. Sua noção de *microfísica do poder* sugere que o poder não é apenas uma entidade global, centralizada em estruturas políticas formais e exercida por instituições de grande escala, mas é algo distribuído em toda a sociedade e que opera em níveis mais sutis e microscópicos, estando presente em todas as relações sociais e se incorporando nas práticas cotidianas, nas interações sociais e até mesmo nos corpos individuais.

Em sua investigação de como as normas sociais atuam como instrumentos de poder, influenciando as ações e os pensamentos das pessoas, Foucault percebe que a normalização, ou seja, a imposição de padrões considerados "normais", se configura enquanto uma estratégia microfísica que contribui para a regulação do comportamento. Dessa maneira, as categorias de identidade são construídas e influenciadas por essas dinâmicas microfísicas de poder que se relacionam, então, à produção de subjetividade e à forma como os indivíduos se percebem e se veem em relação aos padrões sociais.

Foucault investigou como as sociedades modernas são governadas e como os indivíduos são incentivados a governar a si mesmos, internalizando normas e valores que são coerentes com as expectativas sociais, o que acaba por se apresentar como uma forma de autocontrole. Ele explorou a noção de governamentalidade, destacando a importância dessas práticas governamentais na formação das subjetividades e na regulação da vida social.

Em sua análise sobre as relações de poder, especialmente no que diz respeito à disciplina, vigilância e normalização, revela como as instituições educacionais, enquanto instituições disciplinares que operam como microcosmos de poder, são instrumentos de controle e normalização. Ele argumentou que essas instituições moldam e controlam os indivíduos, regulando seu comportamento e produzindo subjetividades específicas. Foucault enfatiza que o poder não atua apenas por meio de repressão e controle, mas também por meio de indução e produção. Ele argumenta, contudo, que o poder é forte não apenas por suas funções negativas, mas porque gera efeitos positivos no desejo e no conhecimento, destacando, assim, a intimidade entre poder e saber.

Em sua análise da "arqueologia do conhecimento", Foucault destaca a relação entre poder e saber para analisar as formas como o conhecimento é produzido em sociedade, argumentando que os regimes de poder produzem formas específicas de conhecimento e que, ao mesmo tempo, o conhecimento legitima e sustenta as estruturas de poder, sendo utilizado para categorizar, classificar e controlar as pessoas.

Além disso, ao introduzir o conceito de biopoder e biopolítica para descrever como as estruturas de poder se manifestam no controle dos corpos e das populações, Michel Foucault explorou como as instituições governamentais e sociais regulam não apenas as ações individuais, mas também a vida biológica das populações (inclusive no que se refere a questões como saúde,

natalidade, mortalidade e regulação dos corpos). Apesar disso, o filósofo não vê as relações de poder apenas como opressivas: ele reconhece a resistência como uma parte intrínseca dessas relações, podendo acontecer no nível individual ou em pequenos grupos, desafiando as normas e estruturas estabelecidas

A abordagem da microfísica do poder de Michel Foucault na análise das práticas de ensino, oferece a compreensão de que as dinâmicas sutis que ocorrem no ambiente educacional - as interações diárias da sala de aula, as normas sociais e as práticas disciplinares, podem influenciar diretamente o comportamento dos alunos, moldando não apenas seu desempenho acadêmico, mas também sua percepção de si mesmos e da sociedade, podendo impactar, inclusive, a construção da identidade dos alunos.

Práticas pedagógicas que perpetuam esses padrões podem contribuir para a reprodução de desigualdades e influenciar a autoimagem dos estudantes. Isso sugere a importância de adotar estratégias que fomentem a autonomia, a diversidade e a participação ativa dos alunos no processo de aprendizagem. Portanto, uma reflexão crítica sobre as normas implícitas nas estratégias de ensino é fundamental para promover um ambiente educacional mais inclusivo e equitativo, que estimule a formação de subjetividades reflexivas e socialmente conscientes.

Utilizar situações e atravessamentos que acontecem dentro de sala de aula para disparar discussões nas quais os alunos sejam protagonistas e possam falar abertamente sobre seus anseios e incômodos, seja no que se refere ao próprio ambiente escolar, ao processo de aprendizagem ou mesmo em outros aspectos do seu cotidiano, perpetuando um espaço acolhedor, crítico, mas, sobretudo, respeitoso, tem se mostrado como uma importante e potente ferramenta metodológica. Além disso, através do uso de dinâmicas que reforcem o papel dos alunos naquele espaço, é possível, inclusive, pensar e elaborar novos instrumentos e práticas de ensino que fortaleçam não apenas o processo de ensino, mas, principalmente, de aprendizagem dos alunos.

Foucault oferece uma perspectiva complexa, multifacetada e crítica para entender as relações de poder, desafiando concepções convencionais e estimulando uma reflexão mais crítica das dinâmicas sociais e sobre como o poder se manifesta nas práticas cotidianas e em níveis variados das estruturas sociais. Suas ideias continuam a influenciar diversas áreas do pensamento contemporâneo, incluindo a teoria social, política, cultural e de gênero.

Enquanto estudante de Matemática, pensar as relações de poder a partir da análise de Foucault permite pensar estruturas de ensino que priorizem ferramentas metodológicas e a exploração de didáticas que favoreçam o ensino e a aprendizagem dessa disciplina. A abordagem de relações de poder de Michel Foucault pode ser relacionada com metodologias de ensino de diversas maneiras, especialmente no que diz respeito ao poder, controle e construção do conhecimento, ao

reconhecer, questionar e desconstruir as dinâmicas de poder dentro da sala de aula entre os sujeitos que a compõem, promovendo uma abordagem mais horizontal no processo de aprendizagem.

Outra possibilidade se apresenta ao entender que, segundo o filósofo, uma vez que as instituições exercem controle sobre os indivíduos de maneira constante e invisível, utilizar métodos de avaliação sistemática e contínua, com feedbacks constante e mesmo momentos de autoavaliação, podem criar um ambiente de aprendizagem que propicie maior autonomia para os alunos.

Portanto, ao incorporar as perspectivas foucaultianas nas práticas de ensino, os educadores têm a oportunidade não apenas de analisar as estruturas de poder presentes na educação, mas também de cultivar um ambiente de aprendizado que encoraje a resistência, a reflexão crítica e o desenvolvimento de sujeitos ativos e emancipados. Essa abordagem contribui para uma educação que vai além da transmissão de conhecimento, buscando também a formação de cidadãos capazes de questionar e transformar as dinâmicas de poder em suas vidas e na sociedade.

Da mesma maneira, incorporar análises críticas de textos, permite que os alunos questionem e compreendam as formas como o poder se manifesta na linguagem. Assim, incorporar em sala de aula, elementos que encorajem os alunos a questionar as normas estabelecidas, promove uma abordagem crítica e reflexiva em relação ao conhecimento e às estruturas de poder na educação. Outro exemplo prático que surge ao se pensar o ensino da matemática, é a associação, por exemplo, de conteúdos voltados para uma educação financeira, que utilizem exercícios práticos da matemática, tal como o uso de gráficos e tabelas, e que, da mesma maneira explorem o protagonismo dos alunos, de forma que o professor crie ambientes de aprendizagem mais reflexivos e conscientes das dinâmicas sociais e de poder.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABRANTES, Angelo Antonio; MARTINS, Lígia Márcia. *A produção do conhecimento científico: relação sujeito-objeto e desenvolvimento do pensamento*. Interface-Comunicação, Saúde, Educação, v. 11, p. 313-325, 2007.
- ALBUQUERQUE VIEIRA, J. *Teoria do Conhecimento e Arte*. Revista Música Hodie, Goiânia, v. 9, n. 2, 2010.
- AQUINO, Tomás de. *Sobre o Ensino – Tomás de Aquino*. IN: Sobre o Ensino (De Magistro) e Os Sete Pecados Capitais. São Paulo – SP: Editora Martins Fontes, 2000. p. 23-64.
- BOTTER, Barbara. *O ideal do filósofo encarnado no filósofo ideal: Sócrates*. In: BOTTER, Bárbara. História da Filosofia Antiga. Vitória: Universidade Federal do Espírito Santo, Secretaria de Ensino a Distância, 2016, pp. 39-50.
- CUSTÓDIO, R. P. *As contribuições do pensamento socrático para o ensino de filosofia*. Revista Digital de Ensino de Filosofia - REFilo, [S. l.], v. 6, p. e3/ 1–9, 2020.
- DESCARTES, R. *Meditações Metafísicas*. In Coleção: Os Pensadores. Ed. Abril Cultural. São Paulo, 1974.
- DIAS, Célia. *A educação em Nietzsche: o professor libertador e o educador dionisiaco*. Enciclopédia, Pelotas, vol. 07, 2020.
- FREIRE, Paulo. *Educação e Conscientização*. IN: Educação Como Prática da Liberdade. Rio de Janeiro – RJ: Editora Paz e Terra LTDA., 1967. p. 101-121
- FOUCAULT, Michel. *Microfísica do Poder*. Organização, introdução e revisão técnica de Roberto Machado. Rio de Janeiro: Graal, 1979.
- FOUCAULT, Michel. *Vigiar e Punir: nascimento da prisão*. ed. Petrópolis: Vozes, 2014.
- GALLO, Silvio. (Org.). *O 'Efeito Foucault' na Educação*. São Paulo: Editora ABC, 2023.
- HESSEN, Johannes. *Teoria do Conhecimento*. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- HOBBS, T. *Leviatã ou matéria, forma e poder de um estado eclesiástico e civil*. São Paulo: Abril Cultural, 1983.
- KUHN, T. S. *A Estrutura das Revoluções Científicas*. 11ª Edição, São Paulo: Editora Perspectiva, 2011.
- LOCKE, J. *Segundo tratado sobre o governo*. São Paulo: Abril Cultural, 1983.
- NIETZSCHE, F.. *A Gaia Ciência*. São Paulo: Companhia de Bolso, 2014.
- NIETZSCHE, F. – *Sobre verdade e mentira no sentido moral extra-moral*. São Paulo- SP. Editora: Nova Cultura, 1999.

- REALE, Giovanni, ANTISERI, Dario. *História da Filosofia: Patrística e Escolástica*, v. 2, tradução Ivo Storniolo. São Paulo, Paulus, 2003.
- ROUSSEAU, J.-J. *Do contrato social*. São Paulo: Abril Cultural, 1983.
- SAVIANI, Demerval. *As teorias da Educação e o Problema da Marginalidade*. IN: Escola de Democracia. Campinas – SP: Editora Autores Associados, 1999. p. 15-46.
- SOUZA, Washington Luis. *Ensaio sobre a noção de poder em Michel Foucault*. *Revista Múltiplas Leituras*, v. 4, n. 2, 2011, p. 103-124

## LINKS ÚTEIS INDICADOS PELOS AUTORES

- **Filosofia Antiga:**

### **História da Filosofia Antiga:**

- <https://acervo.sead.ufes.br/arquivos/historia-da-filosofia-antiga.pdf>

Sobre Pré-socráticos:

- <https://www.youtube.com/watch?v=dsQoi6b3-Wo>
- <https://brasilecola.uol.com.br/filosofia/anaximandro.htm>
- <https://www.youtube.com/watch?v=S1789WmICO4>
- [https://youtu.be/2HZF\\_7\\_GsmU?si=krTz9RrIrDGPWJQ2](https://youtu.be/2HZF_7_GsmU?si=krTz9RrIrDGPWJQ2)
- <https://youtu.be/a5Q12shmVv0?si=0YkoAWvtLld3faZF>
- <https://www.youtube.com/watch?v=E1RiDxJEjrY>
- <https://www.todamateria.com.br/filosofos-pre-socraticos/>
- <https://www.todamateria.com.br/anaximandro/>

### **Sócrates e Sofistas:**

- <https://periodicos.ufsm.br/refilo/article/view/38482>
- <https://www.todamateria.com.br/sofistas/>
- <https://www.todamateria.com.br/socrates/>
- <https://youtu.be/6xPhM31pqEs?si=bW4vn9xpGNvYdQke>
- <https://youtu.be/DYBkQK9HCE?si=218fcmLjPbKYb4mC>

### **Aristóteles:**

- <https://www.todamateria.com.br/aristoteles/>. “Biografia, ideias e obras do filósofo grego”
- <https://youtu.be/PCGBJG1pyC8?si=hLmD0zegzO-E21Bt> “ARISTÓTELES - Brasil Escola”

- **Filosofia Medieval:**

- Escolástica: Significado, História, Principais Ideias e Pensadores: <https://www.erealizacoes.com.br/blog/escolastica/#:~:text=A%20Escol%C3%A1stica%20foi%20um%20per%C3%ADodo,fim%2C%20a%20Expositio%20propriamente%20ditaAcesso em 06 de dezembro de 2023>

- Tomismo: <https://www.infoescola.com/filosofia/tomismo/>. Acesso em 06 de dezembro de 2023.

- **Filosofia Moderna:**

- Descartes: [https://youtube.com/playlist?list=PLiEJ3EaB7VcV0Ajp9Mqg69DwLIsnOtHba&si=BX9fMv3VLT\\_q68Ie](https://youtube.com/playlist?list=PLiEJ3EaB7VcV0Ajp9Mqg69DwLIsnOtHba&si=BX9fMv3VLT_q68Ie)

- MENEZES, Pedro – O Estado de Natureza em Hobbes, Locke e Rousseau. Disponível em: <https://www.todamateria.com.br/estado-natureza/>. Acesso em: 9 dez. 2023.

- TEORIA DO CONHECIMENTO E ARTE: <https://revistas.ufg.br/musica/article/view/11088>. Acesso em: 11 ago. 2022.

- **Filosofia Contemporânea:**

**Nietzsche:**

- A Gaia Ciência Friedrich Nietzsche - Baixar pdf de Doceru.com.

- <https://periodicos.ufpel.edu.br/index.php/Enciclopedia/article/view/18377/11173> .

**Existencialismo:**

- Vídeo: <https://youtu.be/SF2o96pvaAY?si=p0JFMPNk1CMGJ9Zc> “O que é Existencialismo? Resumo para Iniciantes”. Acesso em: 03/12/2023.

- Matéria: <https://www.ex-isto.com/2017/08/existencialismo-na-pratica.html>. “Como é o existencialismo na prática? Acesso em: 03/12/2023.

- Matéria: <https://mundoeducacao.uol.com.br/filosofia/existencialismo.htm>. “Existencialismo” Acesso em: 03/12/2023.

- Matéria: <https://aprovatotal.com.br/existencialismo>. “Conheça a filosofia existencialista e seus principais filósofos”. Acesso em 04/12/2023.

- Matéria: <https://www.todamateria.com.br/existencialismo/>. “Existencialismo”. Acesso em: 04/12/2023.

- Matéria: <https://www.ex-isto.com/2017/07/angustia-existencial.html>. “A angústia no sentido existencial” Acesso em: 04/12/2023.

- Matéria: <https://filosofianaescola.com/metafisica/a-existencia-precede-a-essencia/>. “A existência precede a essência”. Acesso em: 04/12/2023.

- Matéria: <https://www.ex-isto.com/2019/07/ser-em-si-ser-para-si.html>. “Sartre: ser-em-si e ser-para-si” Acesso em: 04/12/2023.

- Matéria: <https://filosofianaescola.com/politica/nao-se-nasce-mulher-torna-se-mulher/>. “Não se nasce mulher, torna-se mulher”. Acesso em: 04/12/2023.

- Matéria: <https://www.ex-isto.com/2020/11/angustia-ma-fe-sartre.html>. “Angústia e má-fé em Sartre”. Acesso em: 05/12/2023.

- ABRAMOVIC, Marina. *ON RHYTHM 0*. <<https://vimeo.com/71952791>>. Vídeo produzido por Milica Zec. MAI, Marina Abramovic Institute, 1974. Disponível em: Acesso em: 9 dez. 2023.

- TUBAMOTO, Fernanda – *Apenas 17% dos países da ONU reconhecem o casamento civil homoafetivo*. Estado de Minas. Disponível em: <<https://www.em.com.br/app/noticia/diversidade/2023/10/10/noticia-diversidade,1574587/apenas-17-dos-paises-da-onu-reconhecem-o-casamento-civil-homoafetivo.shtml>>. Acesso em: 10 dez. 2023.

## **SOBRE O ORGANIZADOR**

### **THIAGO SEBASTIÃO REIS CONTARATO**

Possui Doutorado em Filosofia (2015-2019) e Mestrado em Filosofia (2012-2014), no programa de Pós-Graduação Lógica e Metafísica (PPGLM) da UFRJ. Bacharel e licenciado em Filosofia pela UFRJ (2008-2011). Formado no Curso Normal (de formação de professores) no Ensino Médio (2004-2007). Em 2024, atua como Coordenador de Tutoria de professores tutores (Educação a Distância - EaD) na área de Disciplinas Pedagógicas (2023-...), que é oferecida pela UENF através do CEDERJ, contemplando várias graduações de licenciaturas. É **professor universitário substituto de Filosofia da Educação na UERJ (2023-...)**. Foi **professor universitário substituto na UFF de Filosofia da Educação e Epistemologia das Ciências da Educação (2019-2021)**. Foi **professor universitário substituto na UFRJ de Lógica Clássica (2014-2015)**. Foi professor bolsista orientador EaD na UEA. É também professor efetivo de Filosofia da Educação Básica no ensino médio pela SEEDUC-RJ (2012-...). Nas pesquisas recentes, é integrante do grupo de pesquisas "Metalogicon - Núcleo de História e Filosofia da Lógica" da UFF. Pesquisador com experiência em Filosofia da Educação, Lógica-Matemática e Epistemologia. Pós-doutorando (2022-...) no programa de Pós-Graduação em Filosofia (PFI) da UFF.

ISBN 978-655376324-1



9

786553

763241